

A CONSTRUÇÃO DA FALA POR UMA CRIANÇA

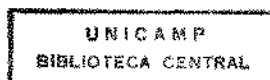
Maria de Jesus Gonçalves

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Maria de Jesus Gonçalves e aprovada pela comissão julgadora em 30/6/89.

CAMPINAS- JUNHO/ 1989

Eleonora Cavalcante Albano



Profa. Dra. ELEONORA CAVALCANTE ALBANO
ORIENTADOR

BANCA EXAMINADORA:

Clonara Albano

Insuapa

R. Suarez

Para meus pais,

que me ensinaram a ver o mundo
com simplicidade.

AGRADECIMENTOS

Entre as pessoas que cruzaram meu caminho nestes últimos tempos e deixaram lembranças belas está você Cecília. Com suas brincadeiras você nos mostrou momentos lindos de sua fala e de seu desbrochar para a vida. Um beijo para você.

Ao Michel, que tantas vezes teve que dividir o espaço com a câmara e o olhar da investigação, peço desculpas. Sua contribuição não foi menor.

À Ludmila e Fernando agradeço a disponibilidade, hospitali-
dade e, principalmente, a amizade.

À Eleonora, com quem aprendi que se aprende fazendo e, que pe-
la sua exigência e disciplina sempre me levou a tentar fazer
sempre mais e melhor, o meu carinho.

Para você Aglael, amiga e companheira com quem dividi as
venturas e desventuras da vida acadêmica, um abraço especial.

O meu obrigado a todos os amigos que sempre estiveram presen
tes me apoiando e incentivando.

Pelo apoio financeiro, sou grata à CAPES e CNPq, que me forne-
ceram bolsa de mestrado, e à UNICAMP pela bolsa de monitoria.

RESUMO

Este trabalho faz a descrição do desenvolvimento da fala de uma criança de 1m;21d a 24m;17d. O objetivo é observar tal desenvolvimento desde as primeiras vocalizações produzidas pela criança até o surgimento das primeiras palavras. Os dados foram registrados em video através de gravações realizadas quinzenalmente na casa da criança. As situações de gravação eram livres e aproveitavam os eventos da rotina de vida da criança.

Inicialmente são discutidas questões teórico-metodológicas que permeiam os estudos sobre o desenvolvimento infantil. No que toca à teoria, destaca-se a dicotomia entre aspectos internos e externos, onde o desenvolvimento ou é atribuído à maturação biológica ou ao ambiente. Em termos da metodologia são discutidas formas de coleta de dados e os problemas de transcrição dos dados registrados em video, pois estes constituem uma realidade motora e sonora numa imagem visual, difícil de transportar, com toda a sua riqueza, para um outro código.

A descrição, feita em três capítulos, incorpora as vocalizações e outros comportamentos, já que todos se desenvolvem de forma integrada. No primeiro capítulo, são consideradas as primeiras vocalizações da criança, cujas características estão relacionadas às funções neurovegetativas e aos automatismos que a criança traz ao nascer. O segundo, mostra os jogos vocais que a criança desenvolve, já modificados pela sua ação sobre os automatismos iniciais. No terceiro, são descritas as primeiras palavras da criança e as variações que ela efetua sobre suas emissões.

Concluindo, constatamos que a dicotomia interno/externo é falsa, pois a criança se desenvolve através da ação que realiza sobre si mesma e sobre o ambiente. Pela experiencição, ela integra aos seus automatismos elementos selecionados do meio que a circunda desenvolvendo, a cada passo, uma gama maior e cada vez mais variada de habilidades.

Autor: Maria de Jesus Gonçalves

Orientador: Profa. Dra. Eleonora Albano

ÍNDICE

Introdução: Considerações Metodológicas	1
Capítulo 1: Exploração Auditivo-Vocal.....	19
Capítulo 2: Jogos Vocais.....	52
Capítulo 3: Primeiras Palavras.....	93
Conclusão:	117
Referências Bibliográficas.....	121

INTRODUÇÃO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

"Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo."

Fernando Pessoa

Poetas, cientistas, leigos... são comuns os flagrantes de ho mens fazendo afirmações ou questões sobre o que são, quem são e o que podem ser. Esse sonho ou desejo de "querer saber" tem impulsionado o homem na direção do futuro, de novas descobertas e avanços. Entretanto, a curiosidade que o homem nu tre pelo conhecimento de si próprio, muitas vezes, o leva ao passado em busca de sua aurora e sua trajetória através dos tempos.

Muitas têm sido as áreas e os aspectos abordados nessa procu ra incessante. Uma das formas encontradas tem sido investi-
gar o desenvolvimento da criança; quais os aspectos de seu desenvolvimento, o que a caracteriza, que fatores atuam, como se relacionam e como interferem nesse processo.

Retomando os trabalhos produzidos, encontramos descrições do desenvolvimento dos movimentos, emoções, percepções, olhar, sorriso, linguagem, etc. Embora estes aspectos sejam descritos e analisados separadamente, eles fazem parte de um todo e exercem influência, em maior ou menor grau, uns sobre os outros.

É em meio a essa multiplicidade de comportamentos que nós va mos pinçar um aspecto dito essencialmente humano - a fala. On de se origina e como ganha corpo é o que pretendemos observar no decorrer deste trabalho.

Numa incursão pela literatura sobre o desenvolvimento dos diversos comportamentos, pudemos constatar que, apesar da diversidade dos aspectos abordados, existem questões comuns sobre a forma como se processa seu desenvolvimento. Uma delas está ligada à diferenciação ou não dos comportamentos durante o desenvolvimento. Este segue o curso das partes para o todo ou do todo para as partes?

Esta controvérsia pode ser levada a um momento anterior ao próprio nascimento. Estudos embriológicos sobre a ontogênese do sistema nervoso sugerem que o tecido nervoso está, inicialmente, num estado de indeterminação suscetível a forças ambientais particulares, existindo períodos críticos no desenvolvimento de um dado aspecto. Estes corresponderiam a períodos de rápida diferenciação e desenvolvimento, conforme McGraw (1946).

O tipo ou qualidade desses movimentos embrionários iniciais teria um significado especial para a teoria da maturação, na medida em que a relação entre as estruturas neurais e funções estaria aí refletida. Se os movimentos fetais iniciais são de natureza de atividades específicas e localizadas, o desenvolvimento procede do simples para o complexo. Porém, se tais movimentos são de natureza mais global, movimento mais total do corpo, o desenvolvimento inicial seria do tipo onde uma resposta local ou discreta ganha especificidade a partir da matriz geral.

Assim, o problema da teoria da maturação é colocado na relação entre estrutura e função. A função determina a organização neural ou esta forma a estrutura dentro da qual a função ocorre? Na verdade, não é possível uma demarcação rígida entre as duas como processos distintos no desenvolvimento. Elas estão interrelacionadas e, em um dado momento, um aspecto po

de ter mais peso que o outro. Assim sendo, Mc Graw postula como mais interessante uma abordagem sobre a determinação sistemática das mudanças relacionadas entre os vários aspectos do crescimento.

O autor pensa o comportamento como sendo do controle de dois centros maiores, o cortical e o subcortical ou nuclear, onde o córtex cerebral tem função dupla. Ele não só exerce uma ativação ou governa e influencia o comportamento neuromotor, como também tem uma ação inibitória sobre o comportamento controlado num nível infracortical.

Dessa forma, a diminuição dos primeiros padrões reflexos do comportamento como o reflexo de Moro, de marcha, etc, ou a desintegração dos movimentos de nadar do recém-nascido, que são de domínio subcortical, refletem o desenvolvimento da inibição cortical.

Uma outra posição pode ser encontrada no estudo realizado por Irwin sobre os movimentos do recém-nascido nos primeiros dez dias de vida. Os movimentos de braços, pernas, pés, mãos, cabeça e sons (choro, tosse, respiração, etc) são descritos em duas categorias: movimentos específicos, a nível segmental, e movimentos globais. Tanto a atividade segmental quanto a global são tomadas como ocorrendo de forma mais ou menos simultânea num vaivém periódico, dando à atividade um caráter difuso e amorfo. Ou seja, tanto ocorre um processo de diferenciação a partir de um padrão originalmente integrado, como pode, a partir de um grupo de unidades discretas ou reflexas haver um processo de integração.

A questão da diferenciação está presente também em estudos sobre padrões emocionais (Jersild, 46). Ele observa que as reações ou respostas generalizadas predominam sobre as espe-

cíficas e que é difícil detectar padrões distintos, pois só à medida que a criança amadurece é que as respostas emocionais podem ser classificadas em termos de medo, raiva, prazer, etc. Ao nascer a criança estaria num estado geral de excitação ou agitação de onde as emoções vão se diferenciando durante o primeiro ano de vida.

O trabalho de Jersild traz uma outra questão que é comum na área dos estudos sobre o desenvolvimento - o papel do aprendizado no processo de desenvolvimento. Para ele, o aprendizado pode modificar as emoções, porém, este aspecto não daria conta das mudanças de suscetibilidade e dos modos de expressão, os quais se devem não só a efeitos cumulativos ou a estímulos externos, mas também são determinados por desenvolvimentos que ocorrem dentro da própria criança, ou seja, por mudanças associadas à maturação.

Na direção desta última questão, fatores externos versus fatores internos, encontramos investigações sobre vários aspectos, entre eles discriminação auditiva, acomodação, convergência e discriminação visual, sorriso e choro. A tentativa é responder qual dos fatores é preponderante.

Sobre a resposta de sorriso, por exemplo, concluiu-se que tanto fatores internos quanto externos exercem influência (Ambrose, 61). Foram comparadas crianças de instituição e crianças com suas mães e observou-se que o sorriso aparece mais cedo nas segundas, por volta de 6 a 10 semanas, atingindo um pico entre 11 e 14 semanas. Nas crianças de instituição ele surge entre 9 e 14 semanas com pico entre 16 e 20 semanas.

A fase de pico estaria relacionada ao fato da criança responder, num dado momento, indiferenciadamente a rostos familiares ou não, enquanto a fase de declínio estaria ligada ao fa

de a
to ~~da~~ criança discriminar os rostos familiares dos não familiares, sorrindo com menos frequência para estes últimos.

As diferenças verificadas entre os dois tipos de crianças acontecem por as crianças em suas casas conseguirem se familiarizar mais rapidamente com o rosto da mãe, ou seja, precisam discriminar apenas esse rosto. As crianças de instituição, por sua vez, levariam mais tempo para discriminar porque necessitam familiarizar-se com mais de um rosto, na medida em que há várias pessoas cuidando delas.

Já com relação à percepção visual, onde se tenta saber se a criança percebe e diferencia formas distintas, foram testadas crianças de 1 a 15 semanas de vida. A afirmação é de que existe um certo grau de percepção de forma que é inato, não descartando, entretanto, o papel do crescimento fisiológico ou aprendizado no desenvolvimento posterior do comportamento visual (Fantz, 62). Para ele, há uma interação complexa entre as habilidades inatas e o aprendizado na moldagem do comportamento visual que operaria da seguinte forma: existe uma idade crítica para o desenvolvimento de uma certa resposta visual, quando as capacidades visuais, mentais e motoras estão prontas para serem usadas e, sob condições normais, são usadas em conjunto.

Os resultados do teste de percepção de forma, onde foram mostradas formas de rosto pintadas com diferentes traços, mostraram preferência das crianças pelo rosto "real", o que indica, segundo o autor, um significado para a percepção da forma. Este interesse em tipos de formas demonstra um conhecimento inato do ambiente que, posteriormente, ajuda no reconhecimento de objetos, responsividade social e orientação espacial. Este conhecimento primitivo forneceria a base para a acumulação de conhecimento através da experiência.

É vasta a quantidade de estudos envolvendo os mais variados componentes do desenvolvimento. Mais vasta é a possibilidade de encontrarmos neles questões como as levantadas até aqui. Entretanto, privilegiando a diferenciação ou a integração, o externo ou o interno, a explicação destes autores é que tudo se dá como simples decorrência da maturação. Os comportamentos são estudados partindo-se do pressuposto de que são pré-formados, realizando-se experimentos que constatem as capacidades ou o domínio que a criança tem sobre eles.

Porém, isto, por si só, não pode ser considerado como explicação plausível de um desenvolvimento que envolve tantos aspectos tão complexamente relacionados.

Quando passamos ao comportamento que nos interessa mais de perto - a linguagem - verificamos que também para os estudos do desenvolvimento deste aspecto existe uma gama variada de questões. A maior delas refere-se justamente ao grau de pré-formação do desenvolvimento da linguagem.

Até o momento, as respostas têm passado por dois pólos opostos com algumas posições intermediárias. A responsabilidade por tal desenvolvimento ou tem sido atribuída ao amadurecimento, ou tem sido ligada à influência do meio. Se, num pólo, se enfatiza o maturacionismo, onde se parte da pressuposição de uma capacidade humana inata para a aquisição da linguagem, no outro, se considera o ambiente como fornecedor de tudo. No primeiro caso, inatismo, a criança já possui um sistema subjacente de regras gramaticais. No segundo, behaviorismo, a criança adquire a linguagem através de uma cadeia estímulo-resposta-reforço.

A estas duas visões seguem-se sucessivas mudanças históricas, sendo que em cada momento se evidencia um determinado aspe-

do do da linguagem. Passa-se de um extremo ambientalista para um inatismo com ênfase na sintaxe, daí para a semântica e volta-se novamente ao social.

A nosso ver, a questão não está em saber se é a maturação ou o ambiente que promove o desenvolvimento. É inegável o fato da criança ao nascer já trazer um corpo, estrutura biológica, com algumas aptidões a partir das quais os diversos comportamentos se desenvolvem. Ao mesmo tempo, temos que admitir que esse organismo, também ao nascer, é inserido num meio que lhe fornece as condições necessárias à expansão dessa estrutura inicial. Cabe salientar que tal estrutura tem características específicas e que seu trato vocal é o que, entre todas as espécies, reúne melhores condições para a produção da fala (Lenneberg, 67).

Dessa forma, a questão deve ser como, a partir dessa estrutura inicial, se processa o desenvolvimento da fala e em que medida os fatores maturacionais e ambientais atuam uns sobre os outros proporcionando esse desenvolvimento.

O que tem sido desconsiderado, e que parece ser fundamental, é a atividade da criança sobre sua estrutura, corpo, sobre o meio no qual está inserida e sobre o qual atua.

Uma abordagem mais recente, o sócio-interacionismo, a princípio, poderia ser considerada exceção. Contudo, a ação é tomada enquanto atividade dialógica, lugar privilegiado de construção do desenvolvimento onde o adulto assume a função de intérprete da realidade e estruturador do conhecimento. Dessa forma, a construção é conduzida pelo adulto, ao passo que o papel da criança enquanto agente é obscurecido.

O que defendemos é que a criança desde o nascimento age so-

bre o meio em que vive e sobre si mesma, pois ela tem à disposição as estruturas sobre as quais atua. Elas não se destinam apenas à produção da fala, mas também têm que dar conta das funções neurovegetativas como a sucção, deglutição e respiração. Se entendemos que fala, antes de qualquer outra coisa, é o resultado acústico produzido pela corrente aérea respiratória passando por diferentes posturas e adquirindo diferentes modulações, como mostra Lieberman (1975), temos que admitir que a criança ao nascer está apta a começar paulatinamente a aproximá-la.

Acreditamos que todas estas funções estão intimamente relacionadas e a atividade desenvolvida com relação a um aspecto é também proveitosa para os outros. O choro, por exemplo, é tido por alguns autores como a primeira forma de comunicação, na medida em que através dele a criança exerceria uma ação sobre o outro.

Wolf realizou um estudo sobre o choro com o objetivo de fazer uma análise funcional do mesmo. Ele observou 12 crianças durante os três primeiros meses de vida acompanhando 5 delas até os seis meses. Faz a descrição de algumas causas do choro distinguindo diferentes padrões em resposta a essas causas e investiga seus efeitos específicos na mãe.

Os diversos tipos de choro, choro de fome, tido como padrão básico, choro de "irritação", de dor, etc, possuem características diferentes quanto ao ritmo, frequência fundamental e sequência temporal. Eles são percebidos e atendidos pela mãe de maneiras diversas, dependendo do próprio estilo da mãe e de sua experiência prévia.

De acordo com o autor, dependendo do estágio de maturação e da idade da criança, há uma variação nas suas reações a estímulos de interrupção ou de provocar o choro.

Um outro aspecto levantado neste estudo é a existência de características morfolologicamente semelhantes entre os sons de choro e de não-choro, quando o choro é "falso" ou "fingido". Nestes casos, a diferença entre um tipo de choro e outro seria facilmente perceptível escutando ou olhando para a criança, mas impossível de identificar por meio de registros acústicos como o espectograma. Estas vocalizações teriam duração mais longa do que o choro rítmico, porém teriam a mesma frequência fundamental. Uma outra coisa que as distingue do choro comum, seria uma duplicação, ou redução pela metade da frequência fundamental no meio da vocalização.

A relação funcional entre as vocalizações de choro e não-choro seria de interesse porque todos os padrões novos de não-choro surgiriam, pela primeira vez, quando a criança fica irritada ou irrequieta e brevemente antes que ela comece a chorar. Uma vez descoberto o novo som, nesse contexto, a criança o praticaria em outras situações.

Isto, entretanto, não é o que constata um outro estudo sobre o choro. Stark propõe que o desenvolvimento vocal ocorre em estágios hierárquicos, onde cada um incorpora o anterior e se constrói sobre ele. Em cada estágio os traços do "output" vocal presentes no anterior entrariam em novas combinações com um outro traço. Segundo seus achados, os sons de choro de desconforto têm algumas características de sons da fala, mas a criança também produz sons característicos da fala em situações que não as de choro de desconforto.

Ela descreve os sons em duas categorias: reflexos (choro e manha) e sons vegetativos (arrotar, engolir, etc). A partir desses sons surgem os sons da fala, pois eles possuem traços como surdo/sonoro, vocálico/consonantal, brevidade, etc, que por sua vez refletem a configuração do trato vocal da crian-

ça e as manifestações fisiológicas do choro. Esses traços se riam diferentes de acordo com cada tipo de som vegetativo e aparecem nos diferentes estágios de desenvolvimento da vocalização. Por exemplo, há um estágio em que as novas combinações surgem porque, à medida que a criança ganha controle so bre sua sonorização, ela torna-se capaz de expressar vocalmente prazer e desconforto, sendo incapaz de, neste momento, inibir a atividade vegetativa do trato vocal.

Esta descrição dos sons, embora útil, é ainda insuficiente para explicar como a criança ganha controle sobre sua vocalização. Mais uma vez, a maturação parece ser aqui a grande responsável pelo surgimento dos diferentes tipos de vocalização ao longo dos estágios de seu desenvolvimento, pois a descrição é isolada do contexto das outras ações da criança e do seu meio.

6 Como explicar, então, o controle que a criança ganha sobre sua vocalização e como a fala, enquanto organização linguística, destaca-se da organização vocal mais ampla? Para entender tal processo, é necessário, em primeiro lugar, considerar a voz como um objeto sobre o qual a própria criança atua e, em segundo, observar a transformação dos sons vegetativos e reflexos em sons da fala. Tal transformação pode ser explicada pela intensa atividade que a criança desenvolve sobre o seu trato vocal, ajustando suas vocalizações à "trilha sonora" ambiental, a princípio como um simples jogo e, mais tarde, com uma significação baseada nas suas próprias ações e nas daqueles que a cercam.

A partir de seu primeiro contato com o ambiente, ela vivencia, motora e sensorialmente, todo esse aparato através da realização de movimentos necessários às diferentes funções, mas também úteis à produção da fala. Assim, a fala antes de

6 ser sonora é essencialmente motora. Para ganhar sonoridade ela necessita de movimentos e percepções específicas de estruturas particulares.

A obtenção de informação tátil-cinestésica ao realizar os movimentos em geral e, no caso da produção sonora, também a informação auditiva, é que permite à criança, no processo de experienciação sobre si mesma, ganhar controle sobre seus movimentos e modificá-los para novas funções.

Tudo isto ocorre da mesma forma que as ações desenvolvidas sobre todas as outras partes do corpo, pernas, braços, cabeça, mãos, sobre os quais a criança, pela experiência motora e sensorial, vai adquirindo controle, desde firmar a cabeça, sentar, engatinhar, andar, etc. Em outras palavras, a criança, através da ação sobre si mesma, vai integrando novas conquistas ao já conquistado.

Na medida em que a criança é um indivíduo de uma espécie que vive num sistema social organizado de uma determinada maneira, devendo adquirir seus códigos, condutas e regras, não podemos desconsiderar a relação com os adultos que a cercam. Porém, não podemos sustentar a hipótese de que sejam os momentos de ação conjunta com o adulto os responsáveis pelo desenvolvimento. Eles são importantes e podem afetar esse processo, mas não são suficientes, ou às vezes sequer necessários, para explicá-lo.

Preferimos a idéia de que a criança, assim como seus antecessores, guiada pela curiosidade de se auto-descobrir, faz a sua história de auto-construção da fala. A exploração de um leque muito grande de vocalizações, garante-lhe a habilidade de emitir sons significativos para o meio e, assim, começar a vivenciar as significações que virão a constituir as suas

primeiras palavras.

A única forma de acompanhar a história dessa auto-construção é através de uma coleta de dados que siga todo o desenvolvimento da criança desde o momento mais inicial possível. As descrições disponíveis isolam a vocalização do resto da conduta e, principalmente, do ambiente. Isto decorre de um dilema recorrente nos estudos recentes sobre o desenvolvimento da linguagem - quando se dá a passagem de uma fase dita pré-linguística para a linguística. Para tentar explicar essa passagem, as coletas de dados têm sido iniciadas cada vez mais precocemente. Não há, porém, nenhuma coleta que alie a minúcia da descrição da conduta vocal e motora, característica dos estudos da pré-linguagem, com a minúcia da descrição do contexto linguístico e social, característico dos estudos do desenvolvimento linguístico inicial. O trabalho que mais se aproxima desse objetivo é o de Lier (1983), que, entretanto, tem início apenas no sexto mês.

A realização de uma coleta nesses moldes veio a concretizar-se com o nascimento de Cecília, em 13/04/85, filha de um casal de amigos que se dispôs a colaborar com nosso trabalho. Assim, Aglael Gama e eu começamos a registrar o desenvolvimento da Cecília, que estava com apenas 1 mês e 3 semanas de vida e que acompanhamos até 2 anos e 17 dias.

O método adotado foi o longitudinal, onde há a possibilidade de se observar a evolução da criança de forma contínua. O plano inicial era realizar gravações em áudio com anotações de contexto. Porém, mais uma vez, graças à colaboração dos pais de Cecília, que colocaram o seu equipamento de vídeo à nossa disposição, tivemos a oportunidade de realizar um tipo de coleta inédito - aproximadamente dois anos de gravações totalmente em vídeo.

As gravações foram feitas na casa da criança, registrando as atividades da sua rotina e de brincadeiras com a mãe, Ludmila, com Michel, seu irmão, com o pai ou com outras pessoas que se encontrassem na casa. A mãe é o adulto mais presente nas gravações, não só pelo pressuposto inicial de que o desenvolvimento da criança se daria na interação com esse adulto, mas também pelo próprio atendimento que a mãe tem que prestar à criança em termos de alimentação, higiene, etc.

Realizar a coleta de dados em vídeo implica em registrar, além da produção sonora, todo o contexto e ações, permitindo a observação de outros comportamentos. Este tipo de coleta traz também um outro ganho, a possibilidade de, em qualquer momento posterior, recuperar as cenas em detalhe.

Assim, esta novidade nos colocou frente a muitas questões novas, pois já a partir do momento da própria gravação muitas decisões têm que ser tomadas. Estas vão desde optar entre posicionamento e distanciamento da câmera, focalizar que aspectos, captar os detalhes ou o plano geral, movimentar ou fixar a câmera, cortar ou não determinada cena e assim por diante. Não há como controlar todas as variáveis numa situação não laboratorial, como no nosso caso. A situação de gravação era livre: com os fatos acontecendo de forma dinâmica, a câmera acabava por captar tudo o que ocorria ou que, por qualquer motivo estava em maior evidência no momento. É um exemplo típico o momento em que a criança começa a andar, saindo, às vezes, do alcance da câmera e voltando à cena em seguida para sair novamente. A câmera, pela própria limitação espacial, muitas vezes não tem como seguir toda essa atividade. Concluindo, o que queremos dizer é que as próprias circunstâncias do momento, na maioria das vezes, são o fator determinante desta ou daquela opção.

As escolhas prosseguem no momento da transcrição, onde temos os dados com cenas que são um todo num código visual e temos que passá-lo para um código gráfico. Esta não é uma tarefa fácil, pois sabemos que estes códigos têm suas especificidades no que se refere à sua organização, espaço e tempo, não sendo exatamente correspondentes.

Este tipo de questão não se coloca quando se realiza uma coleta de dados apenas em audio, na medida em que, por não haver a possibilidade de retomar todos os eventos, a seleção é feita ao anotar o contexto, já no código gráfico, no momento da gravação.

Mas qual a melhor forma de efetivar a transcrição do video? O nosso objetivo era que ela espelhasse da maneira mais completa possível os dados e, além disso, fosse clara e acessível ao leitor. Partindo disso, tentamos encontrar na literatura algum sistema capaz de uma tal descrição.

Ochs, que discute o assunto extensamente, nos oferece uma proposta de transcrição com a disposição dos comportamentos verbais e não-verbais em quatro colunas e um inventário de símbolos para representar os diversos tipos de ação que ocorrem. Porém, devido à grande quantidade de símbolos utilizados, o seu sistema é complexo e de difícil decodificação. O leitor necessita, praticamente, adquirir e dominar um outro código para poder ter acesso à informação.

A partir disso, numa primeira fase de nossas transcrições, decidimos aproveitar, desta proposta, apenas a disposição dos comportamentos em quatro colunas (verbal e não-verbal da criança e verbal e não-verbal do adulto), de modo a retratar uma possível simultaneidade entre ação e voz, sem privilégio de um ou de outro.

Entretanto, ainda assim, esta transcrição, utilizada inclusive no nosso projeto inicial, revelou-se excessivamente detalhada e ainda pouco transparente para o leitor. Aliado a isso, há um outro fato que persiste nos estudos desta área - a falta de um sistema de transcrição fonética que possa dar conta da descrição dos sons produzidos pela criança.

O caminho, desde então, tem sido solucionar estas dificuldades. As nossas observações e tentativas de transcrição nos mostraram que os dados, em si, são muito mais ricos do que qualquer transcrição possa refletir. Podendo recuperar, em qualquer época, os momentos registrados, é possível detalhá-los, mais ou menos, dependendo do foco de interesse. Como já dissemos, o vídeo permite a observação de muitos comportamentos da criança que afloram em diferentes momentos e se desenvolvem de maneira integrada.

Dessa forma, tendo como interesse primeiro a observação das vocalizações da criança, nossa transcrição se detém mais nesse aspecto, usando para isso transcrição fonética baseada no Alfabeto Fonético Internacional. Para melhor caracterizar determinados sons, acrescentamos a essa caracterização especificações sobre os parâmetros fonoarticulatórios e acústicos. Com relação às ações que, em alguns momentos, se sobressaem, não usamos qualquer símbolo ou abreviação. Elas são descritas da forma mais clara e simplificada possível, permitindo ao leitor maior facilidade de leitura. Também a disposição passou a ser em duas colunas, com vocalizações e ações descritas em sequência, levando à formação de blocos de significado mais coesos. Tal não ocorre quando são usadas quatro colunas, pois há uma quebra maior no fluxo da leitura tendo que se passar de coluna em coluna várias vezes.

Com relação à forma de organização de nossa descrição, foram

depreendidas fases, respeitando a própria ordem cronológica do desenvolvimento da criança. Isto não quer dizer que pensemos tais fases como momentos desconectados entre si. Pelo contrário, são fases em que ocorrem determinados comportamentos, mas que mantêm características das precedentes e já contém prenúncios da subsequente. Uma descrição assim, seguindo muito de perto a sucessividade dessas fases, tem condições de ver, passo a passo, os processos e transformações que acontecem durante o desenvolvimento.

Delineamos sete fases, onde preponderam os comportamentos que descreveremos, de forma sucinta, a seguir.

Primeira Fase: de 1m;21d a 3m;3d

Este é o momento em que os sons produzidos pela criança estão muito relacionados às funções neurovegetativas (sucção, respiração, deglutição). Mesmo os sons produzidos em outras situações apresentam características semelhantes às daqueles produzidos, por exemplo, durante a mamada. Os sons, nesta primeira fase, são produzidos mais posteriormente, de forma tensa e sem controle por parte da criança, ou seja, como automatismos.

Segunda Fase: de 3m;17d a 4m;28d

Nesta fase, os sons são produzidos ainda de forma automática. Entretanto, eles já aparecem em sequências e são mais prolongados.

Terceira Fase: de 5m;13d a 7m;11d

Aqui, a criança começa a ter um certo controle sobre sua produção sonora que também passa a ser menos tensa. Percebe-se que a criança passa a controlar melhor os movimentos de outras partes do seu corpo.

Quarta Fase: de 7m;22d a 10m;14d

A criança tem maior controle sobre sua vocalização, ocorrendo a primeira produção semelhante a uma sílaba. São também uma característica desta fase as brincadeiras ritualizadas como, por exemplo, "bate palminhas", "nana-nenê" e "cadê/achô".

Quinta Fase: de 11m;7d a 14m;6d

A atividade, neste momento, está mais voltada para o andar. É aqui que C dá os primeiros passos. A vocalização começa a apresentar uma estruturação mais silábica.

Sexta Fase: de 15m;11d a 17m;6d

As vocalizações adquirem características diferentes com produções que são tentativas de resposta a algo que foi dito ou realização de ordens. Tais produções são mais longas e a criança faz muitas variações sobre suas próprias emissões. No aspecto motor, a criança já anda o que aumenta o campo de suas ações.

Sétima Fase: de 17m;26d a 24m;17d

Agora, a criança produz uma grande quantidade de vocábulos. A sua fala é entendida mais facilmente, ela responde ao que lhe é perguntado, faz perguntas, usa sentenças e mantém conversações com as pessoas que a cercam.

As fases descritas foram organizadas em três capítulos que compõem a parte descritiva do trabalho. As divisões foram puramente expositivas e os reflexos de todas essas ponderações e decisões poderão ser observadas nos próximos capítulos.

A nossa descrição acompanha o desenrolar da "história sonora" de Cecília desde 1m;21d até 24m;17d. Ter em mãos as gravações realizadas ao longo desse período, é estar de posse do próprio tempo e poder, a cada instante, parar, rever e re

viver momentos dessa história. Assim, caminhando através do tempo, pararemos em alguns pontos e nos deteremos para melhor descrever e analisar episódios que são de grande ajuda na compreensão do desenvolvimento da vocalização de Cecília, desde o momento em que começam a despontar os primeiros sons até o ponto em que ela já produz sequências mais longas, palavras e sentenças.

CAPÍTULO 1: EXPLORAÇÃO AUDITIVO-VOCAL

"Cecília está deitada sobre o trocador com o rosto voltado na direção da câmera, braços flexionados ao lado do peito e pernas estendidas. A mãe se aproxima e começa a despi-la para lhe dar banho."

Esta cena marca o início do registro de nossos dados e é o ponto de partida da descrição das vocalizações produzidas por Cecília, que de agora em diante será chamada C. Aqui ela está com 1m;21d de vida.

Durante o banho, a mãe segura C apoiada no braço esquerdo e com a mão direita ensaboa a cabeça de C, joga água para tirar o sabão e lava outras partes do corpo de C. Esta, apoiada no braço da mãe faz movimentos como piscar os olhos, abrir a boca, pôr a língua para a frente, virar a cabeça e mexer os braços.

"Viu querida! Que gostoso!
Sem choro."

/ã/ (golpe de glote)

Pisca os olhos, vira a cabeça para o lado oposto à mãe, movimenta o braço em direção ao corpo.

Volta a cabeça na direção da mãe, afasta o braço do corpo.

/ũ/ (golpe de glote)

"Agora é que cê percebeu
que cê tá na água?"

/ã/ (fricção posterior breve)

/ã/ (fricção prolongada)

"Quase no final do banho."

/ã/ /ã:ã:ɛ/ Afastando e aproximando os braços do corpo.

"É?"

/ã/ /ũ/

"Não..."

/ã/

"Não..."

/ũ/

/ũ:/ /ã:ũ:/

"Não..."

/ã/

Virando C de bruços.

"Vamos ver se você consegue

ficar de bruços, péra aí.

Não precisa ter medo. Não

precisa ter medo."

/ã/ /ã/ (golpe de glote)

/aí ã / De bruços, contrai os braços com as mãos fechadas.

/a/ (vocalização aspirada)

"Assim. Ó que gostoso, viu?

Viu que gostoso? Assim...é."

/ã/ (fricção aspirada)

"Viu?"

/ã/ (fricção aspirada)

"Chega, né? Chega, né? Pronto!"

/ã/ /ã/ (fricção posterior)

"Tá bom, tá bom. Tá bom."

/aεã/ (quase choro)

A mãe tira C da banheira, delta-a sobre o trocador enrolada na toalha. Nesta situação, de enxugar e vestir a roupa, encontramos uma produção sonora semelhante à dos sons produzidos durante o banho.

Enxuga e penteia o cabelo de C.

Lábios estirados. Boca semi-aberta. Mexe a língua.

/ũ/

"Ai que frio!" (sussurrado)

Vira a cabeça de C lentamente para o lado oposto à câme

ra penteando o cabelo.

Esticando os braços /ε/ (golpe de glote)

"Não."

/aε/ (produção mais forte)

"Não"

/ũ|ũ|ã|ũ/ (golpes de glote seguidos)

/eaεay/ (áspero/choro) Contraindo os braços.

"Pronto. Eu sei que tá frio!"

"Eu sei que tá frio!" Coloca

a chupeta na boca de C.	/ũ::/(fricção posterior prolon <u>g</u>
Guarda a escova e começa	gada)
a enxugar C.	/ũ:ũ:/ (fricção posterior)
	/ã/ (golpe de glote)
	/ũ::/ (fricção posterior)
Termina de enxugar C. Co	/a/ (golpe de glote)
loca a fralda em C.	/ũ:ũ:ũ:ũ:ũ:ũ:/ (sequência lon <u>g</u>
	ga enquanto chupa chupeta)

Em seguida, observa-se uma pausa nas vocalizações de C enquanto a mãe lhe corta as unhas dos pés e continua a vestir-lhe a roupa. C chupa chupeta, mexe os braços e as pernas, recomeçando suas vocalizações mais adiante, as quais são semelhantes às produzidas até aqui.

Os sons descritos acima têm como características: produção posterior, semelhança com uma fricção ou um golpe de glote e traço de nasalidade. Apesar das produções de C não serem exatamente /a/ e /u/, na transcrição são utilizadas estas vogais, por haver nas vocalizações de C algum traço característico dessas vogais que se mescla às fricções e golpes de glote produzidos por ela. O sinal (:) é utilizado quando ocorre um prolongamento na vocalização.

A posteriorização observada na produção destes sons pode ser explicada, em parte, pela própria posição em que C se encontra, ou seja, deitada. Esta postura deixa a língua alojada na porção posterior da cavidade oral e em maior proximidade com a parede da faringe. Pode-se dizer que os sons produzidos assim são resultado de fricções e plosões posteriores realizadas no contato da parte posterior da língua com a faringe. O componente vocálico, aparentemente /a/ e /u/, está ligado ao modo como são produzidas essas fricções e golpes - com a boca aberta. A nasalidade também se deve à

postura posterior da língua que não permite a passagem livre da corrente aérea pela cavidade oral ou, em outros momentos, ao fato de C estar com a chupeta na boca o que obriga a saída do ar pela cavidade nasal.

Neste mesmo dia, após vestir C, a mãe vai lhe dar de mamar. Com C no colo, ela apenas a ajuda segurando o bico do seio ou quando C se engasga. Esta suga mantendo um ritmo e parando para deglutir. O fato interessante desta situação é que ao sugar e deglutir C produz sons muito semelhantes aos da situação anterior.

Na gravação seguinte, que se inicia pela amamentação, nos deparamos com a mesma situação. A mãe apenas observa C sugando e deglutindo. A produção sonora desta é idêntica à da gravação anterior.

Isto sugere uma relação entre os sons que C produz neste momento e as funções de sucção e deglutição. O mesmo trato vocal que desde o nascimento está à disposição da criança e serve às funções da respiração, sucção e deglutição, serve também à produção das vocalizações. Isto é, ao exercitar seu trato vocal para suprir as necessidades das funções neurovegetativas, de algum modo tal exercício é útil ao desenvolvimento de outros gestos motores, sonoros ou não, como podemos observar a seguir.

Olhando para C a mãe bate
de leve no seu peito.

"Ai que preguiça que eu tô
agora! Que preguiça!"

"Hum... Tô cheinha!"

Põe a língua para a frente.
Parada, olha na direção da
mãe. /ũ/ (golpe de glote)

Segura o braço de C e faz es
talidos de língua arredondando
do os lábios.

"Dá um sorriso, dá? Dá um
sorriso, dá?" Estirando os
lábios e sorrindo ao mesmo
tempo que passa o indicador
no queixo de C.

"Dá um sorriso..."

Olha para a câmera.

"Tá cheia, proque não tá re-
clamando, né?" Levanta mais
C, traz mais junto a si e bei
ja-a na testa.

Faz estalido de língua fraco,
arredondando os lábios e er-
guendo sobrancelhas. Beija C
na testa.

"Hum?"

Olha para C e arredonda os lá
bios. "Ô..."

"Oi... Que séria!"

"Que séria!"

"É?"

"Dá um sorriso prá mamãe, dá?"

Passando o indicador no quei-
xo de C.

/ã|ã:/ (fricções fracas)

Vira a cabeça para o lado o
posto à mãe, mexe os olhos
e volta a cabeça novamente
na direção da mãe. Fica com
o rosto muito próximo ao da
mãe. Olha para a mãe, para
trás, deixa pender a cabeça
para a frente, volta-a para
trás e olha novamente para a
mãe.

Arredonda os lábios e movi-
menta a língua 7 vezes para
a frente.

Contrai o corpo e mexe a
língua para a frente estirando
os lábios. Olha para a mãe.
Movimenta o braço esquerdo.

Movimenta a língua para a
frente. /a/ (fricção)

"Aqui assim, aqui assim, a
qui assim, aqui assim."

"Dá um sorriso, dá?"

"Aqui assim, ó, ó."

"Cê só mostra a língua!"

Movimenta a língua para a
frente 2 vezes.

Movimenta a língua para a
frente 2 vezes. /ã/ (seme-
lhante a soluço)

/ã/ (fricção)

Nesta passagem, como vimos, C realiza uma intensa atividade sobre seu trato vocal, conjugando movimentos e sons. A seguir, a mãe abandona o tema do sorriso, mas C permanece envolvida na sua atividade.

"Um sorriso... Eu quero um
sorriso." Passando o indica
dor no queixo de C e na bo-
checha próximo ao canto di-
reito dos lábios.

Movimenta a língua para a
frente.

"Faz ô..."

"Ô....."

"Faz ô....."

Olha para a mãe. /a/ (golpe
de glote fraco)

Põe a língua para a frente
e arredonda os lábios.

Mexe os lábios lateralizan-
do para a direita.

/ã/(golpe de glote)

Põe a língua para a frente,
aproxima e afasta os lábios.

Movimenta a língua para a
frente 3 vezes e na última
produz /ũ/ (golpe de glote
seguido de uma fricção)

Olhando muito próximo a C.

"Ai que coisa!" Sussurrando.

/ũ/

"É?"

/ã/ (mais fraco)

Olha para C. Vira-se para a
câmera e fala com as observava

doras.

"Ela só olha pra mim. Não a
dianta. Só se ela se distrair.
" Volta a olhar para C
colocando-a sentada com as
costas um pouco mais eretas.

"Hum?"

"Ó lá."

"Au....."

"Dá uma reclamada, dá?"

"Hum!"

"Vamo tomá banho?"

"Vamo?"

"Vamo tomá banho, Cecília? Ou
cê num qué?"

"Qué sim." Passa o indicador
na bochecha de C próximo ao
canto esquerdo dos lábios.

"Qué sim. Dá um sorriso. Dá
um sorriso... Num qué, né?"

Olha para a câmera, para C,
para a câmera novamente, para
C e a beija na testa.

"Cadê a bagunça? Teus bichi-
nhos tá tudo aí, tá? Tá?"

Abre e fecha a boca.

Olha na direção oposta à da
mãe.

/ũ/ (fricção)

Volta a olhar na direção da
mãe. Movimenta a língua pa-
ra a frente.

/ũ/ (golpe de glote)

/õ/ (fricção leve)

/ũ/ (golpe de glote fraco).

Mexe a língua dentro da bo-
ca aberta. Abre mais a boca
bocejando e fechando os o-
lhos.

/aũ/ (vibração posterior)

/ũ:/ (fricção fraca)

Continua mexendo a língua
dentro da boca olhando para
o lado oposto ao rosto da
mãe.

Ao toque do dedo da mãe la-
teraliza os lábios para a es
querda.

Olhando na direção da janela
mexendo o braço direito so-
bre o esquerdo em frente ao
peito.

Volta o rosto na direção da
mãe. Levanta o braço esquer
do, pisca os olhos e movimento

Abaixa mais o braço em que C está apoiada virando-a na direção da câmera.

"Ó como chê tá. Pulando. Pulando já! Já? Assim forte. Assim forte. Assim, assim, assim. Assim, assim, assim, assim. Assim, assim, assim, assim." Mexendo nas pernas de C balançando-as.

"É? Tá báva, tá? Tá báva?"

"É?"

"Tudo isso? Verdade? Verdade, tudo isso? Tá tão báva, assim? Tá? Tá tão báva assim?"

"É? Vai ficar daqui a pouco, báva, báva."

Protrui os lábios.

"Manda um beijo."

ta a língua para a frente 2 vezes.

Rosto voltado mais na direção da câmera, mas C mantém o olhar na direção da mãe.

/ã/ (golpe de glote) Mexe os braços.

Movimenta a língua para a frente 3 vezes, mexe o braço esquerdo e pisca os olhos.

Movimenta a língua para a frente 2 vezes, mexe o braço esquerdo em frente ao peito. /ão/ (vibração posterior)

Pisca os olhos 2 vezes.

Olhando para a mãe mexe o braço e a mão direita. Levanta o braço esquerdo.

/ã/ Contraíndo o região dos lábios e mexendo a língua para a frente com a boca aberta.

Movimenta a língua para a frente 4 vezes mexendo a mão direita e abrindo e fechando os dedos. Protrui levemente os lábios.

Mexe o braço direito. Movimenta a língua 4 vezes dentro da boca aberta.

"Hum!" Aproxima C e a beija na testa.

Pisca os olhos, contrai as sobrancelhas e a face. Movimenta a língua para a frente.

⑧ "As carestas dela." Ri e olha para a câmera. Levanta C colocando-a de frente para si e depois para a câmera, encostando-a de lado no seu rosto.

Movimenta a língua para a frente duas vezes dentro da boca.

"Hoje tá fazendo tanta careta. Cadê, cadê, cadê? Ali." Beija C. "Ali."

Arredonda os lábios e soluça. /ú/ (golpe de glote)

"Ui. Tá vendo como a gente ainda tinha que arrotar. Viu?" Coloca C de bruços no seu braço esquerdo com o rosto voltado para a câmera.

"Ó lá. Vamos dar tchau. Fala tchau. Tchau..." Mexendo o braço direito de C fazendo sinal de tchau.

Olhando na direção do chão movimenta levemente os braços.

"Faz tchau, faz."

⑧ Aqui, a mãe encerra este episódio onde, apesar da sua insistência em tentar conseguir um sorriso de C, esta permanece voltada para a sua própria atividade a qual, como pudemos observar, envolve órgãos muito específicos como a língua e os lábios. Os movimentos de língua, que ocorrem em grande quantidade, são muito semelhantes ao movimento de sucção.

Considerando que a situação descrita acima aconteceu logo após a mamada, onde os movimentos realizados pela criança são

de sucção e deglutição, podemos dizer que ela dá continuidade à produção desses movimentos. Eles aparecem tanto enquanto articulação sem som quanto acompanhados por algum tipo de vocalização.

Tais movimentos, além de poderem ter sido desencadeados pela situação anterior, de amamentação, podem também ter sido resultado dos toques que a mãe fazia com o indicador no queixo e na bochecha de C próximo aos cantos dos lábios provocando provocando uma reação por parte de C.

Isto nos mostra que C realiza um exercício sobre seu trato vocal que, embora, neste momento esteja muito ligado ao reflexo de sucção, propicia a produção de sons que surgem aqui e além como resultado desse movimento ainda não organizado e não controlado.

O exercício de C não se limita ao seu trato vocal. Ele estende-se a outras partes do corpo. É possível observar uma simultaneidade e, às vezes, sequencialização de movimentos de braços, pernas, cabeça, olhar e movimentos de língua e de lábios. Tanto os primeiros como os segundos, parecem surgir ainda de forma descoordenada nesta primeira fase do desenvolvimento de C.

No episódio a seguir, onde a mãe vai despir C para lhe dar banho, poderemos acompanhar melhor alguns movimentos corporais de C co-ocorrendo ou ocorrendo em sequência à sua ação vocal.

C está deitada sobre o trocador enquanto a mãe a despe para o banho que acontecerá em seguida.

Tira manga do casaquinho do braço D. Levanta um pouco C para tirar a parte de trás do casaquinho debaixo de C. Apoia novamente C no trocador. "Não tinha esse barulhinho? Acho que tinha." Olhando na direção da câmera, dirigindo-se às observadoras e puxando a manga do braço E do casaquinho.

"Quando tá filmando fica assim." Fazendo movimento de piscar com os dedos da mão D.
Tira a calça comprida de C.

Coloca C de lado para desabotoar a camisinha nas costas.

"Devagar, pra num machucar."

Olha a fralda de C. "Hum! Nós fizemos cocô."

Tira a fralda e limpa o cocô de C segurando as duas pernas de C unidas e levantadas.

Cabeça voltada para o lado D.
Cabeça na posição central.

Cabeça voltada na direção da câmera.

Levanta e abaixa o braço D.
Flexiona e estende perna E e, em seguida, perna D.

Abre e fecha a boca. Estica as pernas, arredonda os lábios /śu/ (golpe de glote/fricção)

Flexiona e estende as pernas. Mexe os braços e as pernas movimentando a língua e aumentando e diminuindo a abertura dos lábios. /ũ/ (fricção) contraindo braços e pernas. Movimenta a língua para frente 3 vezes e continua mexendo braços e pernas.

/ã/ Mexe a língua dentro da boca e varia a abertura dos lábios.

/ũʔaε/

/ã/ (vibração posterior)

/ũ/ (fricção)

Movimenta a língua com a boca quase fechada. Lábios levemente

"Mal tirou a roupa já está com soluço. Sinal de frio." Terminando de limpar bumbum de C. Tira manga D da camisinha. Tira manga E. Tira meia do pé D. "Não precisa chorar." Tira meia do pé E. "Banho quente, gostoso..." "Ai, tá toda arrepiada!" Pega C no colo e vai em direção à banheira.

te estirados e mexe os braços.
/ũ/ũ/ũ/ (golpes de glote fracos)

Movimenta os braços em flexões e extensões leves.

Perna D estendida e E flexionada

Braços estendidos.

Estende as pernas e flexiona os braços.

A mãe dá banho ^{em} na C apoiando-a no braço esquerdo e com a mão D começa a molhar o rosto de C. Em seguida lava o resto do corpo. Cecília está, inicialmente, com o rosto voltado para o lado oposto à mãe e realiza movimentos de braços, língua e pernas na medida em que a mãe a molha, ensaboa ou toca. Após o banho voltamos ao trocador onde C está enrolada na toalha e a mãe vai começar a enxugar e vestir C.

Enxuga cabelo de C. "Ih...Ai, ai, ai." Elevando as sobrancelhas. Enxuga canto do olho E e do olho D com a ponta da toalha. Penteia o cabelo de C. "Deixa eu pentear o teu cabelo, que senão ele fica espetadinho desse jeito, né? Assim." Vai penteando as várias partes da cabeça.

Mexe braços. Mexe cabeça para o lado D e para o lado E.

Mexe os braços embaixo da toalha, movimenta a língua para a frente.

/ũ/ (fricção posterior)

Mexe braços em movimentos alternados. Vira rosto na direção da câmera.

"Hum?" Guarda a escova e começa a enxugar C. Com a ponta da toalha enxuga a mão D, o pescoço, mão E, braço e axila E. Levanta perna D de C para enxugar parte de trás do joelho D e bumbum. Enxuga pé E. Levanta 2 pés juntos e limpa parte de trás do joelho E, limpa bumbum novamente. Abaixa pernas de C, cobre lado D do peito de C com parte D da toalha.

"Péra aí." Cobrindo mão e lado E do peito de C com parte E da toalha.

Pega fralda na gaveta, abre, levanta as 2 pernas de C e coloca fralda embaixo de C. Ajeita a fralda embaixo de C e cola o lado E.

Cola o lado D da fralda.

"Hum?" Pegando roupa para C na gaveta.

Segura mão D de C e veste parte D da camisinha. A seguir veste parte E da camisinha. "Hum?"

Mexe braços em movimentos alternados embaixo da toalha. Volta cabeça para o lado D movimentando a língua.

Abre a boca. Movimenta a língua.

Mexe a cabeça para o lado D e para o lado E. Levanta braços. Movimenta braços (afastando e aproximando do trocador).

Estica as duas pernas.

Flexiona as duas pernas.

Flexiona e estende perna E e D alternadamente.

/ũ/ (fricção)

/ũ/ (fricção + áspera que a anterior). /ũ/ /a/ (aspirado)

Flexiona e estende pernas alternadamente, tocando com a ponta e sola dos pés na barriga da mãe.

/ũá/ /a/ vira cabeça na direção da câmara. Estica perna E e perna D está levemente flexionada.

Movimenta braços. Volta cabeça direção oposta à da câmara.

/ea/ Flexiona e estende pernas.

/ũ/ /a/ /ae/ Flexiona e estende pernas. Mexe braços e cabeça. Abre e fecha a boca.

A mãe continua a sua ação de vestir C. Veste manga esquerda e man ga direita do casaquinho, calça as meias, veste as calças compridas e vira C de bruços para abotoar a camisa e o casaquinho na parte de trás. Quando a mãe começa a limpar as orelha de C com cotonete, C i nicia uma produção de sons intercalando fricções e golpes de glote como se fosse começar a chorar.

/ũ/ (fricção)

/a/ (golpe de glote)

/ũ/ /ũ/ (fricções)

/é/ (golpe de glote + alto e áspe
ro) Movimenta língua e braços.

"Hum? É ruim!"

/a/ /a/ /ũ/ /é/ /ũ/ /ũ/ /ũ/ (fri-
cções) /éũ/ (golpe de glote com a
proximação dos lábios no final).
/ũ/ /é/ /ũ/ /ũ/ /ũ/ /ũ/ (golpes
glote).

A mãe vira C colocando-a novamente sobre o trocador. Pega o macacão e começa a vesti-lo na C. Esta continua sua vocalização:

/íça/ (grito alto e agudo) /ũ/ /ũ/ /ũ/ /á::ũ/ /ũ/ /á/ (golpe) /ũ/
/ũ/ /ũ/ /ũa/ /ĩ/ /ũ/ / áa/ /á::/ (golpe de glote) /ũ/ (golpe) /á::/
(golpe de glote).

Esta vocalização cessa quando a mãe termina de vestir C e a coloca em pé segurando-a no colo. A gravação tem continuidade com a situação de amamentação.

O episódio descrito acima demonstra claramente que existe um movimento corporal por parte de C e integrado a ele uma atividade vocal. Exemplos dessas atividades, com as mesmas características, podem ainda ser encontrados nas duas gravações seguintes onde C está, res pectivamente com 2 meses e 26 dias e 3 meses e 3 dias.

Esta primeira fase do desenvolvimento de C é marcado por uma ativi-

dade onde os movimentos corporais ocorrem mais em bloco, ou seja, segmentos inteiros como braços e pernas. Ao mesmo tempo, já aqui se encontra uma intensa vocalização por parte da C que, semelhante aos outros movimentos do corpo, parecem ainda estar sendo produzidos ao acaso. Eles surgem como resultado da corrente de ar respiratória que na sua saída encontra diferentes posições dos articuladores.

A fase seguinte guarda certos aspectos da anterior. Os sons são produzidos posteriormente, sem um controle definido por parte da criança, mas há mais sequências de sons. Isto é o que poderemos acompanhar na passagem a seguir e que se inicia pelo banho.

C está apoiada no braço esquerdo da mãe e olhando na sua direção. A mãe observa e com a mão direita joga água sobre C molhando-a.

"Vamos mostrar como a gente toma	/a/ (aspirado)
banho? Como a gente brinca, hein?	Estende braços e pernas.
De pula pula."	Com a boca aberta e olhando
	para a mãe mexe as pernas
"Hum?"	dentro da água impulsionando
	o tronco e abrindo os braços
"Pula um pouquinho, pula." Balançan	Continua mexendo as pernas e
do C para a frente e para trás.	fazendo barulho na água.
"U...que gostoso!" Joga água em C.	
"Vamo. Vai...i...i...Vamos mais	
um pouco, vai? Isso... isso..."	
(voz agudizada)	/a/ (aspirado)
	/a/
"Ai que gostoso!"	/a/ (golpe de glote)
"Hum?"	Balança na água mexendo per-

"Só um pouco. Cê num qué mais, não? Vamos molhar o cabelo!" (muito baixo) Joga água na cabeça d^a C.

Bate com a mão na água.

"Ó, ó, ó, o barulho da água. Ó, ó, viu? Ó o barulho da água, ó."
"Viu só?"

"Como ela se joga." Olhando na direção da câmera e sorrindo.
"viu?"

Mexe a mão na água. "Ó, ó, ó que barulhão."

"É... viu só?"

"Ai que gostoso!" Ensaboando a cabeça d^a C.

"É..."

"Hum?" Lavando o pescoço, braço e peito d^a C.

O banho tem prosseguimento repetindo-se os movimentos de C, até que ela faz uma vocalização mais alta, ameaçando chorar, e a mãe a vira de bruços balançando-a na água. Vira-a novamente e a coloca quase sentada e, por fim, tira C da banheira e a enrola na toalha.

Nesta situação, "fazer movimento, ouvir barulho da água" parece ter

nas e braços com a boca aberta.
Mexe pernas com mais rapidez, fazendo mais barulho na água.

Continua fazendo os mesmos movimentos de pernas e braços.

/a/ (aspirado)

/ũ/

Pára um instante.

/ũ/

/ũ/

Mexe novamente as pernas.

/á/ (golpe de glote) Mexe as pernas fazendo barulho.

/ũ/ (fricção)

/ũ/ Mexe pernas e braços fazendo barulho na água.

/ũ/ (fricção)

/ã/ (aspirado)

/ã/ /a/

estabelecido um ciclo levando à repetição dos movimentos. Isto de ve ter provocado uma excitação em C, pois no momento seguinte , quando a mãe a tira da água, mesmo enrolada na toalha ela contínu a a mexer as pernas e braços repetindo os movimentos realizados na água enquanto a mãe lhe enxuga o cabelo, os olhos e a penteia.

A seguir, a mãe começa a vestir C. Os movimentos continuam, porém, agora ocorre também uma produção de sons.

Coloca a fralda em C.	Mexe pernas e braços. /ũ/ (fricção)
Aperta o lado E da fralda.	/á/ (golpe de glote)
Aperta lado D da fralda.	/aũ/ (fricção)
Calça a meia do pé direito.	/a/ /a/ (golpes de glote) /ɛaɛ/ (fricção)
"Hum..."	/ɛay/ (golpe no início)
Calça a meia do pé E.	/ũ/ (fricção) /ɛ:a:y/ (leve golpe inicial seguido de fricção)
Descobre os braços de C. "Que brava Cecília!"	/aey/ (mais agudo)
Enxuga a axila E, a axila D. "Limpar aqui, enxugar direitinho."	/ea: :/ (fricção) /ã/ (golpe de glote)
Pega a camisinha de C.	/a:/ (golpe/fricção)
"É!" Veste camisinha em C.	/a/ (golpe) /ɛ:a:ɛ/ (fricção) /a/ (golpe) /a:aɛ/ (fricção)
"Alguma coisa num tá bom. Que é que é? Hum?"	/a a a/ (golpe seguido de fricção)
Pega C, levanta-a, traz junto a si e a coloca de bruços.	/ũ/ (golpe) /ɛãũa/ (golpe inicial)
"Aqui assim."	/ũ/(golpe fraco) /ã/ (golpe +:forte)

/a/

/ɛá/ (fricção)

/e á/

"É dor de barriga, é?" Amarrando a fita da camisinha nas costas.

Pega fita crepe para colar a parte de baixo da camisa.

/á:a:/(golpe seguido de fricção)

/ũ ũ ũ ũ ũ ũá:/ (golpes de glote seguidos) Está com o rosto encostado no trocador.

"Pronto. Levanta a cabeça Cecília.

/ũ ũ ũ ũ: ũ ũ:/ (golpes)

/ũ ũ ɛá:/

A mãe vira C e a coloca deitada, mas ela chora, mexendo pernas e braços. A mãe coloca a chupeta na sua boca e continua a vesti-la. Porém, C continua a chorar, cada vez com mais intensidade, até que a mãe faz massagem na sua barriga e a segura no colo.

Como pudemos acompanhar, nesta passagem, os sons produzidos por C já não aparecem somente de forma isolada. Eles se iniciam por uma fricção ou golpe de glote e continuam com um prolongamento. Estas produções sonoras de C ficam mais evidentes aos 4 meses, momento que seguiremos abaixo. Este se inicia no banho com muitos movimentos de pernas, braços e língua.

Com C no colo e rosto encostado ao seu. "Vamo entrar na água, vamos?" Coloca c na banheira apoia da em seu braço E e molhando C com a mão D. Balança C para a frente e para trás.

"Que... gos... to... so! Olha só que gosto... so!"

Batendo com a mão na água e fazendo barulho. "Ó a água. Ó, ó, ó o barulho da água. Viu?"

Pisca os olhos e abre a boca.

Mexe as pernas e com a boca aberta movimenta a língua.

Estende as pernas e os braços fazendo barulho na água.

Olhando para a frente.

Olha na direção da mãe.

"Hum?"

Lava o rosto d^e C, passando a mão na face E, nos olhos, na face E e no pescoço.

"Hum?" Passa novamente a mão no rosto d^e C.

"U... que gosto... so!"

Começa a lavar a cabeça d^e C.

"Hum...!" Ensaboia e esfrega o cabelo de C e em seguida tira o sabão.

"Ai que gostoso! Que gostoso o nosso." Pega o sabonete. "O teu sabonete. Hum?" Lava axila D. "A mão. Cadê a mão? Lavar o pescoço. Hum? Lavar a barrigui-
nha. É, é gostoso tomá banho!

É gostoso tomá banho! Viu..."

Colocando C sentada. "Vamos sentae?" Mexe na água com a mão.

"Ó a água aqui. Pega a mão. pega na minha mão, pega? Opa tem um fio de cabelo." Tira o fio de cabelo. "Pega a minha mão, pega, pega, pega."

Deita novamente C na água, termina o banho e enrola C na toalha sobre a tampa da banheira. C movimenta as pernas e braços da mesma forma que dentro da água.

"Ai, acha que tá na água." Olhando na direção da câmera e sorrindo.

"Mas num tá não. Mas num tá não." Enxuga cabelo d^e C.

"Cê num quis flóar. A gente

Vira os rosto na direção oposta à mãe com olhos fechados, braços abertos, mãos fechadas, boca aberta e mexendo as pernas. /ũ/ (fricção)

Volta o rosto na direção da mãe movimentando braços e pernas fazendo barulho na água.

Mexe mais as pernas e os braços fazendo mais barulho na água com a boca aberta e movimentando a língua para a frente.

Diminui os movimentos.

Olhando na direção da mãe e realizando os mesmos movimentos.

saíu."

/áá:/ (fricção)

Pega no C no colo. "Vamo lá,
que aqui tá duro. Aqui tá mais
molinho." Deita C sobre o tro-
cador. "Aqui tá mais molinho,
né?"

/ũ/ (fricção)

/a:a:a:e/ (fricção)

"É..."

Levanta um pouco as costas de
C com a mão E e com a D penteia
o cabelo. "Vem cá, vamo penteá
o cabelo pra num ficá espetadi-
nho."

"assim..." Penteando o cabelo.

Ⓢ "Vira pra cá." Vira o rosto d^á
C para pentear o cabelo do outro
lado.

Fazendo estalido de língua e ele-
vando as sobrancelhas deita C so-
bre o trocador.

/a/ (golpe) /ae/ (aspirado)

/a/ /a/ (aspirados)

/ae/ (leve golpe no início)

Ⓢ "Hum?" Enxugando pernas e bumbum
d^á C. Põe a toalha sobre as mãos
Ⓢ d^á C. "Frio, meu deus." Pega o
talco e passa em C. "Deixa guar-
dar isso. Pronto..."

/ũa/ (fricção no início)

Ⓢ Levanta as 2 pernas de C com a
mão E e coloca a fralda.

/ũ/ (fricção)

"Hum..." Cola o lado E da fralda
Cola o lado D da fralda.

Mexe as pernas e os braços.

/ũ/ (fricção) Movimenta as per-
nas e braços.

Pega a meia. "Vamo por a meia?"

/ũ/ (fricção) /ũ:a:/ (fricção)

/áe/ (golpe) Fazendo movimentos
de flexão e extensão com as per

Calça a meia no pé D.

nas e mexendo os braços embaixo da toalha.

/ũ/ (golpe) /ũ/ (fricção)

Ⓢ "Ãh?Z"

Calça a meia no pé E.

"A meia e a calcinha. Péra aí."

Veste calça comprida em C. Enxuga axila D. "Enxugar debaixo do bracinho." Enxuga a mão E e a axila E.

/ũ/ (fricção) /ã/ (fricção)

"Éaa..."

/eá: ayeá/ (aspirado no início)

/a/ (aspirado) /a/ /a/ /aea:/
(golpes iniciais e prolongamentos no final) Mexendo os braços e pernas.

Arruma a manga do casaco para vestir. "Tá frio! Eu sei que tá frio!" Veste a manga no braço E. "Tá muito frio!" Veste a manga do braço D.

Flexiona e estende as pernas mexendo os braços.

Pega C no colo. "Vem aqui. Deixa eu tirar isso aqui." Tira a toalha do trocador. Coloca C de bruços sobre o trocador.

/ae/ (leve golpe de glote)

"Assim..."

Fica com a cabeça levantada.

"Mostra assim como cê fica de pézinho, mostra." Abotoando o casaquinho nas costas.

/ã/ /ũ/ (golpes)

Segura a cabeça levantada virando-a lentamente de um lado para o outro.

/ũ/ (golpe) /ũ/ (fricção)

"Assim... ó a cabecinha como é que ela fica."

/ũ/ (fricção)

"Agora não cai mais assim, tão rápido, não."

/ũ/ (fricção)

"Aqui..." Penteando o cabelo de C.

/ũ/ (golpe)

/ũ:/ (golpe mais forte)

"Ó como já tem força de puxar."
Sorrindo e olhando para a câmera.

/ũ/ (fricção)

"Como já tem força de puxar...
os braços para a frente!" Colo-
cando as mãos embaixo da barriga
de C para arrumar a roupa.

/ũ/ (fricção)

"Meu Deus do céu! Viu só?"

/ũ/ (fricção)

Vira C e deita-a sobre o troca-
dor. "Domingo ela virou pela 1ª
vez. Ela estava de bruços, daí,
daqui a pouquinho ela... virou!"
Olhando na direção da câmara e
arrumando casaquinho dentro da
calça. "Né? Não pode mais te
deixar sozinha."

Flexiona e estende pernas e mexe
os braços.

"É, tá perigosa, você."

/a : ea/

Pega o macacão. "Deixa eu abotoar
aqui primeiro."

Mexe pernas e braços.

Abotoa o macacão.

/ũ/ (fricção)

"hum? Péra um pouquinho só."

/ũ:a:aea:/ (fricção inicial)

Começa a vestir o macacão.

/a/ (fricção)

Veste a perna D.

/ũ:a:ae/ (fricção inicial)

Veste perna E.

/ũ:ea/ (fricção)

Ajeita o macacão na altura da
cintura. É a chupeta que não tá
aí?"

/ɛa/ /a/ (fricção)

Veste braço D.

/ɛ:a:a:/ (mais agudo)

Ajeita parte da gola.

/a:a:/ (fricção)

Veste braço E do macacão.

/ɛ:a:a:a/ (fricção)

Ⓜ Ajeitando macacão no ombro E ^{de} C.

"Ta, ta, ta, ta, ta. Tom, tom, tom.

(muito baixo)

/âe/ (aspirado)

"Vem aqui para eu te abotoar."

Coloca C de bruços.

Abotoa a parte de trás do macacão.

"Diz: eu não gosto mesmo, né Ce
cília?" Ajeitando gola do maca-
cão. Dá beijo na cabeça de C e a
vira novamente, colocando-a so-
bre o trocador.

Coloca chupeta em C. "Pronto."
Pronto." Veste o braço D do casa-
quinho de lã.

Levanta C e coloca a parte de
trás do casaquinho embaixo de C.

"Hum!" Veste o braço E do casa-
quinho.

Abotoa o casaquinho.

"Meu Deus que demora!" Pegando a
fita crepe. Cola fita embaixo da
gola de C. "Colar aqui." Lado D.
"E outra aqui." Lado E.
"Cadê o nosso laço?" Procurando o
laço. "Aqui." Tira a fita adesiva.

"Ai que difícil!" Pega C, levanta
um pouco e cola o lacinho na ca-
beça de C.

Durante esta troca de roupa, ouvindo som da sua voz/ repetir/ ou
vir novamente parece ter-se estabelecido como uma ação interes-

/áea/ (golpe) /ũ:ũ:/

/ũ/ /ũ/ (golpes)

/ũ:/ (fricção áspera)

/ũe:/ (fricção mais áspera)

/ũ/ /ũ/ /ũ/ (golpes breves e
fracos)

/ũ/ /ũá:áeá/ (golpe seguido
de fricção)

/ũ/ (aspirado)

/ũ:ũ:ũ/ (fricção)

/ũũũ/

/u/ (golpe)

/ũe/ (golpe)

/ãe/ũũ:ã:ã:ũaa:/ (fricção)

/ã/ã/ãe /ãe/ũe e /

/ũ/ (golpe)

/ũ/ (golpe)

sante para C. Isto é semelhante ao que ocorre no banho com relação a mexer pernas na água /ouvir barulho.

Apesar das situações descritas nesta fase serem as mesmas observadas anteriormente, o repertório de C no que se refere aos sons é diferente. Também em termos motores ocorreram mudanças, conseguindo, por exemplo, firmar a cabeça.

Já na terceira fase podem ser constatadas novas mudanças com relação às vocalizações de C ~~em~~. Elas adquirem uma qualidade acústica diversa da observada até aqui com menos golpes de glote e fricções.

Veremos a seguir duas sequências de despir a roupa antes do banho e vestir a roupa após o mesmo.

A mãe desbotoa o macacão de C.

C está deitada sobre o trocador mexendo braços e pernas e a cabeça para um lado e para o outro.

/ũ:gəááy/

"É..."

/ũ:ũũ/

"É... Vamo tomá banho"

/e/ (golpe de glote) /ɣao:/

(golpe de glote)

/ɣáo:ó:/ (precedido de golpe de glote)

"É..."

/ɣá/ (golpe de glote)

"Vamo tomá banho!Gostoso!"

A mãe continua despindo C que silencia por alguns instantes, vira a cabeça para os lados e para cima, tenta pegar um objeto com seu braço esquerdo, mexe pernas e braços. A mãe tira a roupa de C e continua falando.

"Tirá a meia..."

/ũ/ (aspirado)

"Hum!"

/a/

"Né, gorda? Né?"

/ũ/ (fricção leve)

"Hum!"

"Agora ela nota a presença, da câmara..."

/aũáe/ (aspirado)

"É!"

"Ó, tic, tic, tic. Balançando o circo dos palhacinhos pendura do acima do trocador.

"Viu só, seu palhacinho?"

Cecília já está despida, olhando na direção da mãe com os braços estendidos ao lado do corpo e as pernas estendidas. A mãe prossegue:

"Vamo tomá banho?" Segura a mão

E de C e em seguida as pernas.

/aũ/ (aspirado)

"Vamo tomá banho, vamo? Vamo tomá banho, tomá banho, tomá banho."

Sorrindo e balançando as pernas da C.

/aũ/ (aspirado)

"Vem cá, ficá de pé. Fica de pé."

Coloca C de pé em cima do trocador.

/e/ (aspirado) (Parece sorrir)

/iée/ Fala ú, ú. Dá tchau. Dá um sorriso. Cadê a madrinha? Cadê? Fala ú, ú. Cadê?"

Aqui se encerra a primeira sequência. Após o banho a mãe veste a roupa de C.

Levanta os 2 pés de C para colocar a fralda.

Segura as pontas da toalha com os braços sobre o peito.

/ũ/ (fricção)

/eũ/ (fricção + fraca)

"Hum!" Ajeita a fralda e cola
o lado D.

"Quem faz barulho?"

"Hum!"

"Não põe a toalha na boca que
não é gostoso. Não é gostoso!"

Pega C no colo e a encosta a si
enquanto tira a tolha de cima
do trocador. Deita C novamente no
trocador. Veste o lado E da cami-
sinha.

"Hum!"

Veste lado D da camisinha.

"É..."

"De bruços." Coloca C de bruços.

"A...ssim."

Cola uma parte da camiseta.

"Pronto..."

"Aqui também!" Cola mais uma par-
te. penteia o cabelo de C.

"Os cabelinhos. Tá rarinho; Aín-
da tem a falha do batizado. "Di-
rigindo-se às observadoras.

/ae/ mexe a cabeça para um la-
do e para o outro.

/eííí:/

/ũ/ (fricção leve)

/aaũ:/ (aspirado)

/ũ/ (aspirado)

/ũ:ũ:ə/ (aspirado)

/ũ/ (fricção)

Com a cabeça levantada vira
e olha mais pa E. Com as 2 mãos
puxa lençol em cima do troca-
dor, abaixa a cabeça, e ergue
novamente.

É interessante observar que, nesta pequena passagem em que C é co-
locada de bruços, a mudança de posição e, portanto, de perspecti-
va, parece ter silenciado C, que não produziu nenhum som nesta po-
sição. Quando a mãe a vira novamente, a produção sonora é retoma-
da.

/aũeáaaao/ (produção distensa) com
os braços e pernas estendidos.

"Eute arrumo e você se desarru-
ma. Hein?" Segurando macacão e
preparando para vestir.

"É?" Veste a perna E do macacão.

"Eu te arrumo e você se desarruma? Assim não dá." Vestindo perna D do macacão.

"Assim não tem graça."

Vestindo o macacão até a altura da cintura.

"Hum?"

"Veste manga E do macacão.

"Hum, tá com sono de novo? Não é possível." Vestindo a manga D do macacão.

Sorri. "Tão gostoso esse dedo!

Mas que gostoso!"

Coloca C de lado enquanto termina de vestir a manga e arruma a gola.

"Meu Deus! É?" Abotoa o macacão nas costas.

"Péra aí. Tô te abotoando!"

/ũ/

C está deitada com os braços estendidos ao lado do corpo, rosto virado na direção da câmera e boca aberta. Mexe os braços, volta a cabeça na direção da mãe, volta novamente à direção da câmera, abre a boca e volta mais uma vez para a mãe. Contrai os braços.

/ɛ́á/ (muito agudo e com uma fricção antes do /a/)

Olha para trás.

/ũáá/ (aspirado). estende as pernas.

/ũ/

Suga polegar E com os outros dedos esticados.

/aũga/ Sugando o dedo. Mexe braços e pernas.

/ũ/ (fricção) Vira a cabeça para trás e tenta virar o corpo.

/ũ/ (fricção fraca)

/aũ/ (aspirado)

"Pron...to. Pron...to."

"É?"

Para finalizar a mãe coloca um lacinho na cabeça de C e a põe em pé sobre o trocador, tentando fazer com que ela bata palmas. C está com uma expressão mais sorridente, seu olhar parece direcionar-se mais intencionalmente para um determinado lugar, independentemente de sua atenção ser chamada para outras coisas pela mãe.

Os sons produzidos por C nestas passagens são de qualidade mais vocálica ainda mantendo uma certa nasalidade. Os sons são mais aspirados e suaves, menos tensos sem tantos golpes ou fricções.

É importante salientar que, também nesta gravação, durante o banho, já há alguns momentos em que C está sentada na banheira e, em outros, mesmo quando está deitada na banheira ela tenta levantar os pés olhando na direção destes. Isto demonstra a existência de uma coordenação entre levantar o pé e olhá-lo, o que já não ocorre de forma reflexa.

A seguir C é colocada no berço. Ela está com um bichinho de borracha nas mãos e o leva à boca produzindo a sequência:

/ũaũa:/ũa/uá:/ (sem fricção
ou golpe de glote)

A mãe se aproxima, segura o bichinho de borracha, bate com ele no peito de C.

"Quem tá lá? Quem tá lá?"

"Cadê o nosso king kong?" Aproximando o king kong pendurado acima de C.

"Ó, ó, mamãe deixa você pegar.

Mamãe deixa, você pegar."

Abre os braços e estende as

pernas. /ũũ:ũ:/

Pega o king kong. /ũ:/

"Pronto... Pegou..."

"pegou..."

Leva king kong à boca.

"Ele é ruim. Foge de você, né?"

/ũ:/

"Ó que bicho ruim, que foge da Cecília."

A mãe observa C enquanto esta continua brincando com o kin kong levando-o à boca e quando este escapa C estende seus braços na direção do king kong tentando pegá-lo. Ao mesmo tempo estende e flexiona as pernas. Aqui, portanto, já verificamos uma coordenação viso-motora, a exemplo do que aconteceu no banho, levantando os pés para olhá-los. Também parece haver uma coordenação entre a vocalização e a ação, como, por exemplo, quando leva os objetos à boca ou tenta alcançá-los produzindo sons.

Aos 5 meses e 27 dias, temos uma gravação em que C vocaliza muito pouco. Em contrapartida, ela olha para tudo que acontece à sua volta. No banho, ela não só olha para os seus pés fazendo-o nitidamente de forma intencional, como também acompanha com o olhar a mão da mãe quando esta pega o sabonete ao lado da banheira. Mesmo quando seu irmão, que está presente nesta gravação, faz brincadeiras para ela a pedido da mãe, ela não vocaliza, apenas olha e sorri.

Pelo que acompanhamos acima, notamos que não só a vocalização, mas também outros comportamentos a nível motor e perceptivo, demonstrando que os diversos desenvolvimentos estão ocorrendo de forma integrada e que mudanças num aspecto certamente contribuem para ganhos em outras áreas.

Aos 6 meses, é interessante observar, numa situação de mamada, em que, sugando e deglutindo, C ainda apresenta sons semelhantes a fricções e golpes de glote como os que vimos nas primeiras gravações. Levando em conta que, nesta fase, a qualidade dos sons produzidos por C já é diferente, podemos concluir que existe aqui uma diferenciação entre os sons vegetativos e não-vegetativos.

Também o sorriso começa a tornar-se mais frequente e a mãe inicia as tentativas de colocá-la sentada. Porém, C fica com o tronco inclinado para a frente e desequilibra-se facilmente caindo para os lados.

Como já foi dito, nesta terceira fase, verifica-se uma coordenação viso motora (ver algo/tentar pegar) como no exemplo em que C tentava pegar o King Kong e ao levá-lo à boca produzia um som. Uma situação em que esse tipo de comportamento se repete e a ação é marcada pela vocalização é a que será descrita abaixo.

A mãe está com C no colo e em pé. C, por sua vez, faz tentativas de pegar os móveis pendurados na parede.

"Cadê o navio? Vamo, pegar o navio, vamo?"

Estende os braços em direção ao móvel. /ũ:ũũ::/ (-tenso)

"É? Aqui."

"Não é esse. É esse que você gosta. I...isso! Ô, mas tá difícil. Ô... ô...ô."

Tenta pegar o móvel e não consegue. /õ/
/ũ::/

"Danadinho, né? Ô danadinho!"

A mãe vira-se de lado olhando para a câmera. C também olha para a câmera. A observadora diz: "Oi Cica, sou eu, aqui." A cena continua:

Volta-se novamente para a parede.

"É?"

"Pega, pega. Ó ele foge, ele vai pra lá, vai pra cá." Sorri.

"Ó o malabarismo que acontece."

Dirigindo-se às observadoras.

"Hum?"

"Fica brava, fica."

"É?"

"Fala ^{té}₂ difícil."

"Hum?"

"Ela fica, cismada. Mas que é que é isso?" Sorrindo.

"É? E o outro aqui?"

"Ôpa..."

com os braços estendidos em direção ao móbile.

/a:ũ::/ Tenta pegá-los.

/u/ Toca o móbile e solta-o. Pega e solta o móbile novamente.

/əu/(leve fricção)

Afasta os braços do móbile.

Estica os braços novamente em direção ao móbile e pega.

/p̃/ (- tenso)

Solta o móbile. Olha para o lado em direção à câmara.

Estica os braços em direção ao móbile. /əhũ/ (h=vibração)

Tenta pegar o móbile. Pega com a mão D. Olha em direção à câmara.

Volta a olhar para o móbile.

/a/ (aspirado)

Solta o móbile.

/a/

/u/ (aspirado)

Pega o móbile.

/ũ/

"E o outro aqui?

"Hein?"

A situação continua com C entretida em pegar o móbile, mas logo a seguir a mãe começa a perguntar- "Cadê a madrinha, Cecília? Cadê a madrinha?". C continua estendendo os braços em direção ao móbile, porém, a mãe diz: "Já encheu, já encheu." e encerra a atividade.

Pudemos ver que a voz está muito ligada à ação de C, pois nos momentos em que ela se aproxima ou se afasta do móbile ocorre a produção de um som.

É importante notar que, ainda nesta fase, C, aos 7m;11d, já é colocada sentada em cima do trocador para vestir a camiseta e, após a troca, fica sentada brincando, apesar de a mãe ter que segurá-la em alguns momentos, pois perde o equilíbrio. Um outro fato novo é a alimentação que passa a ser feita com C sentada na cadeirinha e com colher.

O início das mudanças com relação à postura e um melhor controle sobre essa postura é responsável por alterações a nível perceptivo e também em relação à qualidade acústica dos sons da C na medida em que ela agora os pode controlar melhor. Aqui ela consegue coordenar várias coisas, comer, olhar para o pai que está gravando ou para o irmão brincando no chão e pegar os pés com as mãos.

Neste primeiro capítulo de descrição, do qual constam as três fases descritas até aqui, podemos concluir que C faz, basicamente, uma intensa exploração auditivo vocal em torno dos sons que produz.

CAPÍTULO 2: JOGOS VOAIS

Na quarta fase, encontramos C já com um maior controle motor, con seguindo ficar sentada e não perdendo facilmente o equilíbrio. Também sua vocalização adquire um caráter voluntário.

Na passagem abaixo temos C envolvida numa intensa atividade sobre sua voz, emitindo sequências com qualidade menos tensa, menos posterior e com variações entre /a ã õ g ɶ /.

A C está sentada na cadeirinha sobre a mesa da cozinha enquanto a mãe lhe dá comida. Estão presentes também o irmão e a empregada. Durante a alimentação C olha para a mãe, mexe os braços e os pés. Ao mesmo tempo, olha na direção de Michel, que faz barulho. Tudo se passa sem a ocorrência de vocalização por parte de C. Porém, ao final da refeição, tem início uma intensa vocalização.

"Qué mais um pouco ou chega? ãh?"
Limpando a boca de C.

Mexe os braços e os pés em movimentos circulares.

/ow/ (precedido de golpe de glote)

/əũ::ga:wa/

"Qué?" Dá mais uma colher de sopa a C.

/əuũ:m/ Engole a sopa.

"Mostra como você conversa. Hein?"

/əa:á:/

"ãh?"

/ə:ũgaũ/ũagá:ũ:gag:|bru|/ (o final é uma vibração de lábios)

"É?"

"Demorei para te dar o suco hoje, demorou?"

Mexe pés e mãos. Toca a boca da mãe com a mão E.

"Você ficou com muita fome, ficou?"

Ela está cheirando moranguinho.
Olhando para a câmera.

/əũ:uaũ:wa /

"Deixa eu vê a tua mão. Hum..."

/aeaeae/ (fricções)

que cheiro!"

/á:aá/

"Que cheiro de moranguinho!"

/á/ (fricção)

"É?"

/éiɛidá/ /áa/ (fricção)

"Verdade?"

/a/ (aspirado)

Dá um beijo na testa de C.

/ae/

"Qué mais ou num qué?"

/a/a/ũ/ (aspirado)

"É?"

/a:a:abwə:/ (fricção fraca)

/aíebɛ/

/a:/ (fricção)

A mãe se afasta e o Michel sorri. A mãe se aproxima novamente de C e retoma a situação.

"Conversa."

/əũ::/

"Eu tô com uma tosse."

/ũ/ũ/ũ/əəəɛ/

"E eu tô brava, porque."

/eá:a:aaũ/

Michel pede mais uma banana e começa a comer a banana e a conversar com a mãe. Quando ninguém prestava atenção a C, esta reinicia sua vocalização, mesmo enquanto a mãe conversa com o Michel. Isto mostra que para C não importa o fato de estar vocalizando para alguém ou com alguém - dialogando. Seu interesse está em estabelecer uma atividade sobre sua voz. Uma vez iniciada esta ação, ela insiste, exercendo variações sobre o mesmo tema, o que pode ser verificado nas sequências sonoras descritas acima.

Após a alimentação, C é deitada sobre o trocador; a mãe começa a despi-la para lhe dar banho. C faz movimentos de braços, pernas e produz o mesmo tipo de som que no momento anterior. O mesmo acontece no início do banho. No final, a mãe teve que colocá-la nova

mente na banheira, pois, quando a mãe a tirou da água a C começou a mexer os braços a vocalizar olhando para a banheira. C ficou mais um pouco na água brincando com uma tampa de plástico e Michel brincando com uma bóia à sua frente.

Quando, por fim, a mãe a tira da água, a enrola na toalha e a coloca sobre o trocador, C, a princípio, chora, mas logo a seguir continua uma vocalização idêntica à produzida até aqui. Estas se quências têm qualidade vocálica e, em alguns momentos, têm traço de nasalidade indo de /ũ/ ou /ã/ até /a/. Elas são intercaladas por golpes de glote, fricções e algumas vibrações posteriores. Entre tudo isso há breves momentos de silêncio e de vocalizações menos tensas. A produção sonora da C, também aqui é acompanhada de movimentos de braços e pernas e também de movimentos de explo ração de algum objeto que a C segura na mão.

Esta perseveração com relação à produção sonora, repetindo os mesmos sons quando já está em outra situação, é o mesmo tipo de fato que ocorria nas fases anteriores ao ser tirada da água e continuar a mexer os pés e as mãos como se ainda lá estivesse ou quando terminava de mamar e persistia nos movimentos de sucção. Aqui começa uma produção sonora numa dada situação, a qual se prolonga por algum tempo, em outras situações. Na verdade, o processo que ocorre é que, quando a criança se descobre produzindo um som ou alguma outra ação, se estabelece uma ação de repetição, um ciclo produzir/ouvir/produzir que permite a formação de esque mas perceptivo-motores levando a novos padrões.

Observamos que os golpes de glote e fricções que eram produzidos mais posteriormente, com maior tensão e ao acaso, são agora substituídos por sons semelhantes a /g/, /d/ ou /b/. Além disso, es ta vocalização se inicia e termina quando a criança deseja. Assim, fica claro que a forma como a criança lida com os seus padrões de ação e vocalização é agindo sobre ela.

É nesta fase também que ocorrem as primeiras sílabas, como veremos abaixo. Isto ocorre numa situação em que após tomar a mamadeira C é colocada em pé no colo da mãe. C está com 9 meses e 3 dias.

"Ôpa!" Coloca C em pé.

"Olha pra lá." Dá um beijo em C.

Está virada para a mãe com a mão E no pescoço da mãe.

"Vamo brincá? Vamo, Ciça?"

"Cadê a tua boneca?"

Leva a mão para o ombro D da mãe.

/ta:ta/ (muito baixo-articulação quase sem som)

"Cadê a tua boneca?"

/ta:ta/ (um pouco mais alto)

"Tata?"

/ta:ta/ (mais alto)

"Cadê a tua boneca?"

Muda a mão para o decote da blusa da mãe e mexe no botão.

/tɛ:tɛ:/

"Hein?" Levanta C mais um pouco.

"Vamo pegar a tua bola? Vamo brincar de bola, vamo? Fazê gol? Hein?"

Coloca C sentada no colo.

"Como a Ciça levanta?" Segura as 2 mãos de C.

"Um, dois e...ô...pa..." Levantando C pelos dois braços.

Sorri.

"Senta." Volta a sentar C.

"Um, dois e...ô...pa..."

Sorri.

(SI)

Coloca C encostada a si e a beija.

/ow/ (aspirado)

"Ãh?"

"Dá um beijo na mamãe, dá?"

Abraça C e a balança.

"Ah... Que gostoso!"

Beija C.

/pəpá/ /papá/

"Fala papá. Dadadadada."

"Cadê o Michel, hoje? Hoje não

tem Michel. Cadê o Michel? Chama

o Michel, chama? Miche...el."

/o/(aspirado)

"Ãh?"

/o/ (aspirado)

"Cadê o Michel? Não tá aqui?"

A mãe finaliza a situação levantando-se e dizendo- "Vamo lá, eu trago um acolchoado, a gente senta e brinca." Esta é a situação seguinte em que C fica sentada no chão e sozinha vai explorando os brinquedos colocados à sua frente. Ela os pega na caixa, olha, joga para o lado, pega e leva à boca, balança o chocalho, etc. C fica envolvida nessas ações até que a mãe se aproxima e canta uma cantiga batendo palmas. C ensaia um início de acompanhamento do ritmo batendo com a mão na caixa à sua frente, mas não continua a pesar da repetição da mãe.

A mãe continua perto, falando com C ou pedindo para ela fazer ou dizer algo. Porém, C permanece entretida com os objetos até que a mãe a pegue no colo e coloca de bruços para que ela engatinhe. A mãe distancia os objetos, tenta ajustar os movimentos de pernas de C, mas C cai. Em seguida, levanta-se e fica parada olhando para os objetos à sua frente e depois vira-se no chão rolando para o lado. Então a mãe a pega no colo, levanta-se e a gravação se encerra em torno de dar um tchau.

As duas passagens acima mostram que a criança e a mãe desenvolvem atividades paralelas que, às vezes, se encontram, pois, como vimos, em ambas há momentos em que C vocaliza algo e a mãe fala sobre ou

tras coisas ou pede para C fazer ou falar. C continua na atividade que desenvolvia antes.

Neste momento do desenvolvimento de C também aparecem as brincadeiras ritualizadas como "bate palminhas", "nana nenê" e "cadê/achô", etc. As situações em que este comportamento aparece vão desde momentos em que a mãe pede para C cantar e bater palmas e C apenas esboça um começo de acompanhamento até ocasiões em que C a acompanha ou inicia essa ação.

Com relação ao "cadê/achô", por exemplo, cada vez que a mãe tira a fralda que a cobre e diz "achô", C sorri. Depois que a mãe repete essa ação algumas vezes, no final C retoma a outra atividade, bater palmas, que a mãe havia proposto antes. Ela começa a bater palmas e a mãe a acompanha.

Como vimos, estes episódios podem ser iniciados ou acompanhados tanto pela mãe quanto pela criança, o que demonstra não existir um elemento estruturador que se sobrepõe ao outro. Cada um tem sua própria função dentro dessa organização.

Aos 10 meses temos uma situação em que podemos ver com maior detalhe uma dessas brincadeiras.

C está sentada no chão de seu quarto, com um carrinho na mão e o leva à boca.

A mãe se aproxima.

"Como é que é?" Pega a boneca e a vira em frente a C batendo com a mão na boneca.

"Assim. Nana nenê."

"Faz nana nenê."

/εαε/ Começa a balançar o tronco para a frente e para trás. Pega a boneca com a mão E. Levanta a boneca.

"Dança. Então dança você."
A mãe canta: "Nana nenê que a
cuca vem pegar,
mamãe foi prá roça..."

Olha para o carrinho que segu
ra nas mãos.

/tataε/ Balançando o tronco
para a frente e para trás.
/aε:ae/-/aã:/ /ae/ Bate com a
mão na boneca e a seguir com
a mão que segura o carrinho.

"Assim. Né, Cecília?"

Bate com a mão na boneca e canta
ta: "Nana nenê..."

Olha para o carrinho.
Leva o carrinho à boca.

"Ela prefere um carrinho." Di-
rigindo-se às observadoras.

"Faz nana nenê. Nenê tá choran...
do. Tadi...nho. Abraça. Pega."
Põe a boneca junto ao peito de C
e coloca o braço dela em volta
da boneca.

"Abraça assim. Aperta."
Coloca C virada de frente para a
câmera.

Solta o braço e a boneca cai.
Segura o carrinho com as duas
mãos e olha para ele.

Michel se aproxima e pega a boneca. A mãe diz: "Ah, olha aí como
o Michel faz Ciça. Olha." Michel abraça a boneca e balança. C olha
um instante, mas logo volta a sua atenção outra vez para o carri-
nho que tem nas mãos e produz um som /é/ (mais tenso) /ε/ (menos
tenso). Michel balança a boneca no ar com força e toca no rosto
da C que pára e olha para ele. A mãe tira a boneca de Michel e
diz: "Mas é, não é possível!" Olha para Michel e repete: "Não é
possível, né Mi?" Michel sorri e a mãe diz: "Será o benedito?" e
ele responde: "Selá?". A mãe então diz: "Será, né? Acho que será,
mesmo."

Este trecho nos mostra que o contexto familiar de C pode ou
não estar com a atenção voltada para ela. Isto não impede sua

iniciativa. Ao contrário, isto demonstra uma independência da ação alheia, com C fazendo suas próprias escolhas. Apesar das tentativas da mãe para que ela entre no jogo, C permanece com seu interesse voltado para o carrinho com o qual brinca.

Depois da conversa com Michel, a mãe volta novamente a atenção para C, a qual estava envolvida com o carrinho. A mãe coloca a boneca sentada à frente da C e tenta retomar o jogo.

"Não qué nenê?"

"E cadê o teu, o teu patinho."

Levanta e vai até o berço pegar o patinho.

"Teu patinho cê gosta." Dá corda no patinho.

"Olha aqui." Colocando o patinho à frente da C.

"Como é que a Cica faz nana nenê?"

"Assim, cê faz nana nenê?" Sorri.

"Faz com carinho."

"Pra fazê nana nenê. Pro nenê dormir, assim, ó. Olha, nana nenê..." Canta e bate de leve no patinho.

"Né?"

Está com o carrinho na mão E. Com a mão D deita o patinho e bate nele.

Olha o carrinho e o leva à boca.

Bate com a mão D no patinho. Olha para a mãe com o carrinho na boca.

Tira o patinho para o lado e vira-se para a mãe.

A mãe, que estava de joelhos, começa a levantar-se, levanta C e a leva andando na direção da câmera segurando-a pelos braços. C dá

um passo, olha para o carrinho na sua mão direita, sorri e vocaliza /a::a/. Dá mais dois passos e pára. Então a mãe pergunta "Num qué?" e coloca C sentada. Esta vocaliza, esfrega os olhos com as mãos, manipula o carrinho e volta-se para o lado com as mãos no chão parecendo querer engatinhar. A mãe comenta: "Ô... que dificuldade?" e a observadora diz: "Ela quer pegar o patinho". A mãe comenta novamente: "É. Me dá uma dó. Dá vontade de ajudar, mas não adianta. Eu já mostrei tanto. Ela tem que descobrir sozinha".

Este comentário da mãe ilustra bem como, apesar de tentar facilitar a atividade da C, ela atribui à criança a responsabilidade da descoberta por si mesma.

Na sequência, a mãe está em pé pendurando um ioiô por uma mola. C volta-se para a mãe, toca no seu tênis, olha para a perna da mãe segura na calça e vocaliza /ná/. Depois segura na calça da mãe com a mão esquerda e olhando para câmera vocaliza novamente /ma mau:m:umama/. A mãe não entra no jogo vocal de C e tendo terminado de pendurar o ioiô diz: "Ó o ioiô. Cadê o ioiô. Hum? Olha aqui!". Coloca C de frente para o ioiô e o balança. Porém, C está com o olhar fixo em alguma coisa na direção das observadoras e da câmera não sendo afetada pelo movimento do ioiô.

Assim, mais uma vez, vemos que a mãe e criança fazem seus próprios recortes na situação, não sendo as ações de uma determinantes das ações da outra.

Na gravação seguinte, C está com 10 meses e 14 dias e já engatinha sozinha. Esta gravação é quase uma síntese desta quarta fase, pois a maior parte das características descritas até agora estão aqui presentes.

Logo no banho, primeira situação da gravação, C sentada na banheira

ra abaixa a cabeça escondendo o rosto na lateral da banheira iniciando o jogo "Cadê/achô" olhando para a observadora. Porém, é a mãe que entra no jogo e dá continuidade ajudando C a esconder mais o rosto e falando "Ciça... Cadê a Ciça? Achô...!". O mesmo se repete durante a refeição quando C tenta esconder o rosto abaixando a cabeça.

Após a refeição, voltamos ao quarto onde C está sentada no chão com uma cesta de brinquedos à sua frente. A mãe está sentada próximo a ela e durante a situação apenas observa e faz comentários só participando diretamente em alguns momentos.

C engatinha até a cesta.

"Vai. Qué que cê qué pegar primeiro?"

Deita-se no chão e estende a mão para pegar a cesta.

"Ó. Vou te ajudar um pouco."
Vira a cesta de brinquedos.

Levanta e engatinha até o macaquinho. Pega-o e senta-se com ele nas mãos. Balança-o na mão D olhando para a mãe. Deixa cair o macaquinho.

"Viu nenê? É o nenê da Ciça?
O macaquinho?"

Pega o macaquinho outra vez.

"Como que a Ciça faz nana nenê no king kong? Hum?"

Eleva o macaquinho junto ao rosto e volta-se para a mãe.

"Assim, nana nenê? Dá um beijinho nele, dá? Dá um beijo."

Aproxima do rosto a mão E que segura o macaquinho.

"A...í... que gosto...so!"

A seguir a mãe pega os brinquedos da cesta e os joga longe de C para que esta engatinhe e os pegue. C, por sua vez, vai até a cesta e pega um brinquedo, olha, coloca de lado e pega outro.

Por alguns instantes, a mãe e a C desenvolvem uma ação voltada para os brinquedos até que C pega um molde de plástico da boneca moranguinho. Ela senta-se, olha a boneca e a leva à boca. A mãe tenta intervir, pede para ela dar beijinho, mas C continua olhando para a boneca e levando-a à boca. A mãe diz que machuca, faz dodói, bate em outros brinquedos tentando chamar a atenção de C, que coloca a moranguinho de lado, mas pega outro brinquedo e não aquele para o qual a mãe chamava a sua atenção.

A mãe levanta-se e C continua com os brinquedos. Depois a mãe a afasta para ela engatinhar. Quando a mãe faz isso pela segunda vez, C engatinha até o ioiô que está preso por uma mola e dá início a uma atividade acompanhada de vocalização.

"Achô? Teu boneco?"

Faz comentários com as observações (SI).

C pega o ioiô e olha para cima. Olha na direção da mãe.

/εεá:/ Senta-se.

Segura uma perna do ioiô e olhando para a mola puxa o ioiô mais perto. Põe o dedo na mola. /eaε/

Olha para cima. Mexe com o dedo na mola. /ε:::/

/o/ (aspirado) Com o ioiô na mão D estende o braço na direção da câmera.

"Hum..."

"Ele pula, solta ele pra ele pular."

/ε/ (aspirado) Segurando o ioiô com as duas mãos.

/ε:::/ Toca a mola com o dedo.

"Vê como ela fala. Ela fica mais sozinha, ela fala mais." Dirigindo-se às observadoras.

/ɛ::/ Põe o dedo mais acima na mola.

/ɛ:/

(vibração de lábios) Mostra o ioiô estendendo o braço E na direção da câmera.

/ɛáɔ::/ (fricção final) Pegando na mola com a mão D. Solta a mão da mola e estende o ioiô na direção da câmera.

/eo::eá/ Pegando a mola.

Tira o dedo da mola. Pega a mola novamente. /ɔo::ɔ/

Estende o ioiô na direção da câmera. Olha para o ioiô e pega na perna do ioiô. O ioiô pula. /ã/ (aspirado)

/ɛ'a:ɔ:ã/ Pega o corpo do ioiô e traz junto a si.

Pega a mola com a mão D. Estende braço E na direção da câmera. Pega novamente na mola com a mão D e estende na direção da câmera. Pega outra vez na mola com a mão D. /eaã/ Estende o ioiô na direção da câmera.

"Ele pula?"

Solta o ioiô.

Solta ele.

Engatinhando, C volta-se para os outros brinquedos, mas apenas por um instante. Em seguida volta ao ioiô pegando na mola e vocalizando /ɔeaãɔã/ vira-se para os brinquedos. Como as pernas

do ioiô ficam presas no seu pescoço C volta à ação com o ioiô, que se solta e balança.

/é/ Toca com a mão D no ioiô

que fica balançando. Olha, estende o braço e pega o ioiô.

/ə/ Olha para a figura de papel que tem na mão E.

/éə/ Estende o braço e toca o ioiô que balança novamente.

Olha, senta-se ainda com a figura na mão e estende os braços na direção do ioiô. Olha a figura e leva-a à boca. Engatinha aproximando-se do ioiô.

/e:/ Pega o ioiô pela perna e senta-se.

/e:ea::a/ Pega a cabeça do ioiô com a mão D tocando a mola.

/é:é:é:pawawa/ bawa/ Mexe na perna do ioiô.

/wá:wá:a:é/ Mexe na mola.

Solta o ioiô e volta a engatinhar na direção da cesta de brinquedos.

Toda essa ação motora e vocal acontece sem que ocorra a interferência da mãe. Somente quando a C pega a moranguinho (boneca pequena de plástico), olha, leva à boca e inicia um leve balançar com o tronco é que a mãe entra na situação.

"Canta nana nenê, canta."

Olha para a mãe.

"Canta para a moranguinho, can

ta." Começa a cantar: "Nana

Balança o tronco para a frente

nenê que a cuca vem pegar..."

e para traz olhando para a moranguinho.

"A Ciça tá dançando, tá?"

Leva a boneca à boca.

"Vai machucar, o pézinho, machuca a tua, o teu dente."

Balança, olha para a boneca nas mãos e vocaliza /a:a/a:a:/
/a:a/(Cantando)

"É?"

"Machuca teu dente. Depois a Ciça vai chorar."

Leva a boneca à boca.
/dɛ́bwa/ Estende o braço E com a boneca na direção da câmara
Leva a boneca à boca e tira.
/dáy/ Desequilibra-se.

"Ôpa. Vai dar um balanção aí?"

"Como é que a Ciça canta nana nenê?" Começa a cantar: "Nana nenê, que a cuca vem pegar..."

Balança o tronco para a frente e para trás com a boca aberta.

/a/ (aspirado e - tenso)

A mãe pára e C continua balançando o corpo, muda de posição sentando-se de lado para a câmara e começa a balançar novamente.

/ə/

"É. Tá nando? Tá nanando a moranguinho? Tá nanan...do, é?"

Balança o tronco e vocaliza /á:a/á:a/... (Cantando)
Leva a boneca à boca.

"Faz dodói na boca. Como a Ciça chora depois. Como que a Ciça vai chorar depois. Vai chorar."

Balança o tronco com a boneca na boca.
Tira a boneca da boca, segura-a nas mãos e olha-a.
/awawaba/ Leva a boneca à boca novamente.

/eá/

Tira a boneca da boca, olha

para a câmera e estende o braço D com a boneca na direção da câmera.

/ũ/ Mexe na boneca com os dedos. Leva a boneca à boca outra vez. /a/(aspirado).

"Vai chorar."

Estende o braço com a boneca na direção da câmera.

"É?"

Tira a boneca da boca, segura-a com as duas mãos e balançando o tronco canta /a:a/a:a/
Leva a boneca à boca.
/ɛ/ (golpe de glote)

"Ãh?"

Coloca as mãos no chão para engatinhar. Senta-se outra vez com a boneca nas mãos levando-a à boca e balançando o corpo.

/owá:á/

Canta outra vez.

"Acho que hoje ela está bem à vontade."

Continua cantando com a boneca na boca. Coloca-a no chão, engatinha, mas logo pega a boneca de volta.

/eɛ:é:o/ Olhando e virando a boneca nas mãos.

/ɔ/ (golpe de glote) Balançando o tronco leva a boneca à boca.

"Ô, desse jeito você vai comer o boneco todo Ciça."

/a:a:ɛ/

/ɛó::o/ Olhando para a boneca nas suas mãos.

C continua manipulando a boneca e fazendo vocalizações semelhantes às descritas acima até o final da gravação. Essa vocalização da C é produzida com a boca semi-aberta, sem movimentos de lábios. Eles só mexem quando a produção se aproxima a sílabas /awawa/abawa/.

Pudemos ver que esta fase foi marcada por muitas mudanças a nível motor e vocal. Sua ação é acompanhada muito de perto pela vocalização que, em alguns instantes, já tem uma marcação semelhante a sílabas. Esta se torna mais evidente no decorrer da quinta fase.

Na quinta fase, permanecem ainda os jogos ou brincadeiras ritualizadas. A grande mudança é que agora toda a atenção é voltada para o andar, desde colocar C em pé, pôr coisas em cima da cama para que ela as pegue, pô-la no andador, incentivá-la a dar os primeiros passos sem apoio. Em todas as gravações desta fase se observa uma ação voltada para este aspecto. A vocalização, por sua vez, evolui autonomamente para uma estrutura silábica.

C está com 11 meses e 7 dias e a situação é de troca. Inicialmente, há um jogo de "dar beijo" na mãe. Depois C é deitada para trocar a fralda, há um comentário sobre os dentes de C em comparação com o Michel e a mãe inicia a troca.

Tira a fralda. "Ela é tão boazinha, né?"

/táyá/ Segura manga do macacão na mão olhando para a mãe.

"Tem que aprender a dar umas mordidas no Mi. Fazê a a au au. Au au au au. É morder.

Nhec e morder."

Pega um lenço de papel e limpa o bumbum de C.

"Hum?"

"Ãh?"

Pega outra fralda para colocar em C.

"Como é que a Ciça canta atirei o pau no gato? Canta. Atirei o pau no ga to to, mas o ga to to não mo reu reu reu. Mi...au..."

Aperta o lado E da fralda.

"Como é que faz miau? Fala, mi... au." Aperta o lado D da fralda.
"Ê?"

Sorri.

/káká/

/ã/ (aspirado)

/a:b b /

/a/ (aspirado) Está com a man ga do macacão na boca.

Movimenta os lábios sem som o lhando para a mãe e sorri.

/ĩdá/

/awbababa/

Pega a calça comprida. Veste.

"Fala, eu vou na casa da babú.

Hum?"

Coloca C em pé para terminar de lhe vestir a calça.

/ɛ:/ Com a boca aberta e olhan do na direção da câmara.

"Fala, eu vou na casa da babú. Fazê bagunça." Terminando de vestir a calça.

Pega o palhacinho que está pen durado aima do trocador.

/a/ (aspirado) /agá/ /gay/

"Hein?"

Com a boca aberta e seguran

"Ãh?"

do o palhacinho nas mãos.

/a/ (aspirado)

"Cadê o palhaço? Hein?" Apertando a alça da calça.

Coloca palhaço perto da boca.

"Ela vai dar beijinho no palhaço?"

/eay/kay/

"Dá um beijinho no palhaço, dá?"

Aproxima o palhaço da boca.

"Ai que boazinha! Mas que meni...nha (beija C) mais carinhosa!"

/a:ya/ Com o palhaço na mão D e mão E estendida na direção da câmera.

"Carinho no palhacinho!"

Aperta a outra alça da calça.

Aproxima o palhaço da boca.

/ay/

Observadora: "Que lindo, Cecília." (Sorri)

Estende o braço com o palhaço na direção da câmera.

"Mostra prá Maria. Fala, é o meu, é o meu palhacinho."

Olha para cima onde estão pendurados os outros palhaços.

Termina de apertar a lça, arruma mais a calça e aperta o cinto. "Ai Jesus. Ai Jesus. Pronto. E agora o cin...to."

/ba:y/

"Ah..."

/bá†/

"Nenê."

Olha para cima.

"Nenê."

"Quem é o nenê...?"

/apəpa pəpapá: nəné/

"Nenê. Fala pra Maria, eu sou o nenê da mamãe."

Olha para cima.

"Chama a mama. Ma...ma...Fala, mama..."

A situação continua com brincadeira de "Cadê/Achô" com os palhaços até que a mãe coloca C sentada para calçar as meias e C pega um pote de plástico. Levanta-o e vocaliza /papa/ enquanto a mãe termina de arrumar a sua roupa e novamente /ta (sem som) tátátá/. Depois C é colocada no chão, a mãe a segura pelos braços e a ação volta-se para o andar.

Durante a alimentação, C está sentada no cadeirão enquanto a mãe lhe dá comida. De início, C está silenciosa olhando para o ambiente, manipulando uma tampinha de plástico e comendo. Depois de algum tempo C inicia a vocalização olhando na direção da câmera.

/ae/ (aspirado)

/a/ (fricção)

"Hum?"

/aaã/ (aspirado)

/dáe/

A mãe se dirige à empregada perguntando sobre a quantidade de fruta no prato de C a qual continua em silêncio olhando atentamente para a tampinha na sua mão.

"O que faz uma tampinha, hein!

Que concentração!"

Olha para a empregada, senta-se mais ereta, desencostando-se do cadeirão e sorri.

Empregada: "Oi."

Mãe: "Fala tchau prá Neuza. Tchau

Neuza." Fazendo gesto de tchau.

Levanta o braço E e faz tchau abrindo e fechando a mão.

Empregada: "Tchau."

/ɛ/ (aspirado)

Empregada: "Tchau."

Faz tchau outra vez e olha para a sua mão abrindo e fechando.

Mãe: "Tchau..."

/aũ/

Mãe: "É."

/ũ:/ Estende a mão com a tam
pinha na direção da mãe.

Empregada: "Não."

Mãe: "Não qué mais?"

"Qué?" Leva mais uma colher à
boca de C.

Leva a tampinha à boca. Tira
a tampinha da boca, levanta o
braço e olha a tampinha.

/æá:/

Gira a cabeça para a E e para
a D.

Mãe: "Não."

Empregada: "Dá a tamp..."

"Dá a tampinha pra mim, dá?"

Mãe: "Dá pra mamãe?" Estendendo
a mão aberta.

Gira a cabeça outra vez para
a E e para D e movimenta o
braço D para E e para a D.

/eá:/

/adá/

Mãe: "Dá?"

Mãe: "E...i..."

"Agora tó." Dá a tampa para C.

/dá†/ Olhando para a mão da
mãe.

Coloca a tampa na mão da mãe.

"Dá pra mamãe pegar." Estende
a mão aberta.

"Dá. Não vai dar?"

/a/(golpe de glote)/a/(aspi-
rado) Leva a tampa à boca.

"I...sso!"

Põe tampa na mão da mãe.

"Dá?" (Riso) /dá:a:a/
 "Mal deu, já pede?"
 "Dá pra mamãe, dá Ciça?"
 "Dá. Dá?"
 Pega a tampa da mão da mãe e
 leva à boca.
 Põe a tampa na mão da mãe.
 /dá/
 /ayá:yá/ Estendendo os braços
 na direção da mãe.
 "Agora pede. Fala,dá."
 "Dá."
 Pega a tampa. /dáa:a/
 Faz uma fricção posterior(qua
 se um grito).
 "Quer mais abacate?" Está com a tampa na boca olhan
 "Qué?" Leva mais uma colher do para a mãe.
 à boca de C.
 "Qué Ciça? Hum?"
 Estende a mão na direção da
 colher. /kə/
 Levanta um pouco a colher, a-
 baixa e leva à boca de C.
 "Qué?"
 Fica com o braço estendido e
 olhando para a mão abre e fe-
 cha. Olha para o chão.
 /ɛea:ã:/
 "Hum!"
 Deixa cair a tampa.
 "Cadê?"
 /a:a/
 Pega a tampa e mostra a C.
 "Ó. Fala,dá." Segurando a tam
 pa na mão.
 Pegando a tampa na mão da mãe.
 /eadá/(vibração no final)
 Empregada:"Que braveza!"
 /dada/ (articulação quase sem
 som) Olhando para a câmera.

Observadora: "Dá Cecília. Ô...
(sorri) Quando eu não apareço
você ri. Eu flico escondida, né?"

Mãe: "Chega?" Pára de dar comi
da, levanta-se e vai guardar o
prato na pia.

/á/

Empregada: "O quê?"

Bate com a tampa na mesa do
cadeirão. /ũdá/

Empregada: "Ãh?"

/á:á/ /eá:/

Mãe: "Ãh..." Volta da pia com
um guardanapo para limpar a bo
ca d^e C.

"Mostra pra Maria como cê lim-
pa a tua mesa. Limpa a tua me
sinha, limpa." Limpa a mão E
d^e C.

/á:á:á:a/

"Como é que a Ciça limpa a me-
sa, hein?" Tira a tampa da mão
d^e C e limpa a sua mão D.

"Assim, ó." Limpa a mesa mostran
do para C.

"Limpa a mesa, limpa." Limpando
a mesa.

Bate com a mão 3 vezes na mesa.

"I...sso. Assim, ó." Pega a mão
d^e C e faz o movimento.

"Limpa a mesa, limpa."

Bate outra vez com a mão na
mesa.

Observadora: "Que lindo!"

Aqui, mais uma vez, foi possível observar que as situações ou
jogos são iniciados ou finalizados arbitrariamente. No caso, te

mos C, envolvida na manipulação da tampa de plástico que com o o lhar na direção da empregada, desencadeou uma resposta "Oi" e lo go é iniciado, pela mãe, o jogo de "fazer tchau". Este, por sua vez, é interrompido pelo "gesto de cabeça de C" o qual é interpretado como "não querer mais". Isto é imediatamente esquecido e parte-se para o jogo "dá/tó", este mais longo. A alimentação é interrompida pela mãe, que pára de dar a comida. Por fim, há ainda a ação em torno de limpar a mesa, que é encerrada com a proposta de uma outra situação. Então C é levada para a garagem, é colocada no andador e todada atividade passa a girar em torno de andar e ser pega pela mãe e vice-versa.

O interessante é que, apesar de permanecerem os mesmos jogos da fase anterior, a diferenciação ocorre a nível da vocalização. Co mo já afirmamos, ela apresenta uma estrutura mais silábica.

Após este momento seguem-se duas gravações em que não se observam muitas mudanças na produção sonora e nas ações da C. Permanece a atividade voltada para o andar, havendo, em ambas, tentativas de segurar C pelos braços para que ela ande, colocar C no andador e pedidos para ela dar alguns passos entre duas pessoas a uma distância muito curta.

Todas essas tentativas culminam na gravação em que C dá alguns passos sem apoio. Ela está com 12 meses e 25 dias e a mãe, após lhe dar banho a coloca em pé encostada no trocador e fica à sua frente mostrando um frasco de creme para C pegar. C dá alguns passos e cai. Isso se repete duas vezes e, em seguida, C fica sentada no chão brincando com o frasco.

Nas gravações seguintes, ainda há momentos em que a atividade está voltada para o andar fazendo C dar passos, como acontecia anteriormente. A diferença é que C agora consegue ficar mais tempo em pé, mesmo que, às vezes, perca o equilíbrio e caia.

C também anda distâncias mais longas segurando-se em apenas uma das mãos da mãe. Outras vezes, engatinha até algum lugar e depois levanta-se para alcançar o que deseja.

Aos 13 meses e 22 dias, encontramos C andando distâncias mais longas já sem apoio. Neste dia, depois de passado algum tempo em torno do andar, C está na cozinha, pára de empurrar a cadeira e se dirige, engatinhando, ao armário.

Observadora: "Ciça!" // Mãe: "Ah, ah. No lugar."

Pega a tigela no armário. Olha para trás na direção da câmara e da mãe. Sorri. Volta-se para o armário. Olha para as tigelas na sua mão.

(SI)

Volta-se para trás na direção da câmara e da mãe.
/étteáet/

"Esse, esse é da Ciça papá."

Volta-se para o armário olhando as tigelas na sua mão. Tenta encaixar uma tigela na outra.

"Né Ciça?"

/atá/

"Papá."

Olha para trás.
/páy/ Volta-se para o armário e bate uma tigela na outra.

"Põe no lugar, põe."

"Põe no lugar, põe."

Vira-se para trás. Deixa cair uma das tigelas. Olha para o chão. Segura a porta do armário.

"Fecha."

"I...sso!"

"Põe no lugar, põe."

(SI)

Observadora: "Ci...ça!"

Mãe: "Põe."

Observadora: "Oi, Cecília!"

Mãe: "Não-entra?"

"Não?"

[Inaudível]

Fecha a porta do armário.

/ə/

Movimenta-se de joelhos para pegar a tigela que havia caído. Pega a tigela e encaixa uma na outra. Vira as tigelas nas mãos e olha-as atentamente.

/a/ Vira-se para trás. Olha para cima na direção da câmera. Vira-se para o armário mexendo nas tigelas.

/ə/

/kəkə/ (k.-semelhante a um golpe de glote)

/aee/ (aspirado)

Deixa cair uma tigela.

/ɛ/ Pega a tigela e coloca uma na outra.

Olha rapidamente para cima.

Olha para as tigelas.

Olha para a câmera.

Olha para as tigelas tentando encaixá-las. Uma delas cai. Pega-a e tenta encaixá-la na outra.

/ay/ olha para a mãe.

Volta-se para o armário. Pega as tigelas, apoia uma parte delas no chão. Levanta-as e uma cai. Coloca a outra

"Faz uma careta feia pra Aglael, faz."

Observadora: "Deixa eu ver, Ciça? Cadê a careta."

Mãe: "Faz uma careta bem feia, Ciça, faz. Faz uma careta feia, faz."

"I...sso! Bem feia."

"Manda beijinho agora, manda."

Observadora: "Ih...Caretta de novo!"// Mãe: "Hum...a careta."

Mãe: "E o beijinho? Manda."

Faz..." Faz barulho de beijo.

Observadora: "Ciça!" Faz barulho de beijo.

Mãe: "Dá tchau pra Aglael."

Tchau... Aglael."

dentro da que está caída no chão e olha para elas.

Vira-se e faz uma careta franzindo o nariz e protruindo os lábios. Volta a olhar para as tigelas.

Vira-se para a mãe e faz uma careta. Volta a olhar para as tigelas.

Vira-se para a câmera e faz uma careta.

Olha para trás na direção da mãe.

Volta a olhar para as tigelas.

Olha para a câmera. Volta a olhar e a brincar com as tigelas tentando encaixá-las. Uma delas cai. /abawutéys/

Pega a tigela e tenta encaixá-la novamente na outra.

/aw/ Leva a tigela que tem nas mãos à boca como se tentasse beber.

/á/ Segura uma tigela numa das mãos e com a outra mão pega a outra tigela no chão. Tenta encaixá-las de novo e uma delas cai.

/áy/ Ela coloca a outra tigela de lado e abre a porta do armário. Ainda de joelhos, aproxima-se mais do armário. Olha dentro do armário. Afasta-se, senta-se e fecha a porta do armário.

Volta a brincar com as tigelas tentando colocar uma dentro da outra.

Observe-se que nesta última parte, toda a atividade se passa sem a intervenção da mãe. Mesmo quando a observadora a chama pelo nome, C olha, mas volta imediatamente à sua atividade de encaixar as tigelas que são do mesmo tamanho.

Esta situação mostra como a fala da C, a exemplo do que ocorreu algumas gravações atrás com o ioiô suspenso por uma mola, está muito mais ligada à sua própria ação do que à comunicação. Ela parece estar interessada na solução do encaixe das tigelas e não em comunicar algo a sua mãe que se mantém calada sem recorrer a atividade vocal ou motora da criança.

A intensa atividade de C sobre os objetos parece repetir a ação sobre um outro objeto - a sua voz. C retoma a atividade sobre sua fala, realizando sobre ela ações similares às já feitas em gravações anteriores, embora sofrendo modificações inerentes à situação e ao desenvolvimento atual.

Na situação que se segue, a de alimentação, observamos, mais uma vez, C levando para o momento seguinte uma ação que vinha

desenvolvendo momentos antes. Assim como ela continuava com os movimentos de sucção após a mamada ou realizava durante o banho vocalizações que fazia durante a refeição, nesta gravação C dá continuidade à ação com as tigelas quando está sentada no cadeirão e a mãe lhe dá bolo.

Contudo, agora, esta ação não se limita à tentativa de encaixar uma tigela na outra. A atividade varia de encaixar, colocar uma delas na cabeça servindo de chapéu, jogo de "dá/tó" com uma das observadoras até tirar, pôr e esconder um pequeno objeto sob uma tigela.

Os jogos ainda estão presentes neste momento. Há, por exemplo, cantar parabéns, a mãe canta e C bate palmas, ou dançar, a mãe coloca música no gravador e C dança balançando o corpo.

Um outro fato a salientar, que se verifica também em momentos anteriores e, nesta fase, aparece com maior frequência é a participação de outras pessoas além da mãe: a empregada ou as observadoras. Isto acontece tanto por solicitação da mãe quanto da criança.

A possibilidade de andar e, portanto, de movimento no espaço, confere um maior dinamismo às gravações e mais independência às escolhas de C, uma vez que ela pode, agora, dirigir-se aos locais e às pessoas que deseja.

Isto é o que ocorre num momento de gravação realizado no quarto e que seguiremos abaixo.

C pega um cachorro de pelúcia na estante.

/á/

Mãe: "O auau?"

/eytɛɛta/

"Fala com o auau."

/té/ Estende a mão com o cachorro na direção da câmera.
/tá/

Maria: "Você vai dar pra mim o auau, vai?"

Anda até . Aglael e lhe dá o cachorro.

Aglael: "Ai que lindo o seu cachorrinho!"

Sorri com a boca muito aberta.

"Au au au au au..." Levando o cachorrinho até tocar a barreira

ga de C.

Isto se repete várias vezes e, cada vez que o cachorrinho toca C, ela sorri. Quando Aglael pára, C pega o cachorro e o coloca na mão daquela que repete a ação: C dá um grito mais agudo. Param novamente e na sequência C abre a boca mostrando-a para a Aglael.

Aglael: "Que foi? Nossa, que bocão, hein?"

Vira-se para a mãe: abre a boca. /ay/ (agudo)
Abaixa-se para pegar o cachorro no chão.

Mãe: "Faz uma careta feia pra Maria, faz."

Vira-se para a câmera e faz uma careta.

Maria: "Nossa que (SI)"

Pega o cachorro. /ay/
Olha para a mãe. Olha para o cachorro que colocou em pé.

A mãe pega outro cachorrinho
"Ah outro aqui."

A mãe repete a mesma ação de Aglael.

Repete a ação anterior.

"Cadê o nariz dele? Num sai.

Num sai."

"Vai arrancar o nariz?" (SI)

"Ó o chapéu. Ó o chapéu. Viu?

"Cê tá linda. Cê tá mostrando os teus dentes novos. É isso.

"Ah, meu Deus. Ah, tá tanto frio. Cobre o nenê, cobre. Cobre a nenê."

Maria: "Ô...i, cê vem dá pra mim?"

"Não pode pôr a mão."

Mãe: "Não Ciça, vem cá, vem.

Senão a Maria não vai poder te filmar."

C sai do quarto, vai para o corredor e aparece na porta por duas vezes brincando de "esconde/esconde". Depois ela entra no quarto, a mãe a segura no colo e encerra a brincadeira dizendo: "Vamos mamar".

C olha, sorri e pega o cachorro. Põe o cachorro de lado e pega o outro com que brincava. Dá o cachorro à mãe.

Pega o cachorro. Mexe no focinho do cachorro.

Leva o cachorro à boca.

De joelhos, aproxima-se da mãe.

Levanta-se e abre a boca para a mãe. /a/

Vai até a cama. Pega a fralda em cima da boneca.

Pega a boneca e se dirige à câmera.

Fica muito próximo à câmera.

Tenta tocar a lente da câmera.

Na sexta fase, C tem entre 15m;11d e 17m;6d de idade e as suas vocalizações adquirem novas características. Isso é o que veremos a seguir. Ao final da refeição a mãe tira C da cadeira. Ela fica em pé em cima da mesa.

Observadora: "Tchau Cecília!"

Olhando para a câmera.

Mãe: "Dá tchau, dá. Tchau.//

Observadora: "Tchau."

Abre a boca sorrindo.

Fala tchau prá Maria.

Observadora: "Tchau."

/yaya/ Percebe-se apenas o movimento articulatorio.

B Mãe: "Cadê o Marcelo? Cadê o Marcelo?"

/tʃatʃa/ Olha para trás na direção da empregada.

"Pera aí. Deixa (SI)" Olhan

B do para a câmera.

"Cadê o Marcelo?"

Olhando para a câmera.

/ay/ Inclina a cabeça para o lado E.

"Marcelo..."

"Chama o Marcelo."

/atʃikakã/ /ta/

Olha para a câmera e sorri.

"E a babú?" Pega C no colo.

"Chama a babú. Babúu... Chama.

Cadê a babú?"

Olha para o lado estendendo o braço D e apontando.

/tapã/

B "E a Neuza? Chama a Neuza. Neuza..."

Olha para a Neuza. Olha para o lado estendendo o braço D e apontando.

/əkãkã/ Olha para a câmera sorrindo.

Imita a nasalização de C. Sorri.

"É como ela fala no telefone.

Ela faz assim /ããã/. Imita a nasalização de C.

"Cadê o Michel? Fala pro Michel: Não faz barulho." Mexe o braço acompanhando a sua fala com o indicador estendido.

"Fala pro Michel."

/ta/ Faz um gesto com o braço semelhante ao da mãe.

"Fica quieto."

A seguir a mãe encena um telefonema para a babú, a avó. C vai falando ao telefone o que a mãe pede. As suas emissões são, acústicamente, semelhantes às da situação acima. Elas são nasalizadas, variam quanto à entonação e a extensão são semelhantes às emissões da mãe.

"Alô! Quem tá falando? É a Ciça? Fala. Fala, alô."

/kəkəkəkə/ Vira-se para a câmara.

Imita a vocalização de C.

"Fala pra babú, babú, vem aqui. Fala, fala no telefone.

Babu. E o dieda? Tá bom?"

(dieda=avô)

/pəkəkə/

"Vem aqui. Fala, eu comi um prato de sopa. Fala, o Michel tá bonzinho comigo. Fala."

/kəkəkəkəkə/ /bə/

"É."

"Fala assim, a Maria tá filmando, eu e a mamãe. Fala pra babú, fala."

/əpəkəkə/

"É! Fala, o Michel tá lá em cima com o Fernando."

"Fala prá babú, fala."

/aũããããã/ (fricções com na
salização)

Olha para a câmara e sorri.

"Fala, eu ganhei um cachorri-
nho, um auau."

Olha para a mãe e sorri com
a boca aberta. /a/(aspirado)

"Fala prá babú que cê ganhou
auau, fala."

/awbɔbɔbɔbɔ/

/iɸkəkã/ (fricção nasal)

Balança a perna D e olha para
o pé.

"Fala, eu ganhei uma bonequi-
nha, que, que chupa chupeta.
Conta prá babú."

Muda o fone para a mão E e
encosta-o no rosto.

"Isso! Fala, babú, eu ganhei
uma bonequinha que chupa chupe -
ta. Conta."

/agəkə/ Com o indicador E na
boca. Muda o fone outra vez
para a mão D. Coloca o fone
no ouvido.

/ũgəũgəkə/

Mexe os dedos da mão E que
está erguida e aberta. Levan
ta a perna E. Estende o bra-
ço com o fone para colocá-lo
lugar.

Sorri.

"Pronto. Conversou?" Tenta pe
gar o fone para guardar.

Segura o fone.

"Agora fala tchau prá babú."

Ⓟ Põe o fone no ouvido dá C.

"Fala, tchau babú." Amarra o

Ⓟ tênis dá C.

/tá/ Olhando para a câmara.

cília." Senta-se no chão encostada na cama, mostrando o livro ^{pra} C.

"Olha aqui. Cadê a borboleta? Cadê? Mostra pra mamãe."

"Mostra ó." Pega a mão ^{dá} C e vai apontando as figuras. Fala, tem uma aqui, tem uma aqui, tem uma aqui, tem uma aqui. Viu?"

"Cadê a menininha?"

"Cadê a menininha?" Segurando a mão ^{dá} C aponta a manina.

"Aqui."

"Viu? Cadê?" Abre o livro.

"O...lha quanta borboleta!"

"Hum?" Vira a página do livro.

"A menini...nha, a vovó, a amigui...nha."

"É..."

"Quem é esse?"

"O passari...nho!"

"Como que o passarinho faz?"

"Piu, piu, piu."

"Cadê? Olha o outro passarinho. Como que o passarinho faz? Como que faz o passarinho?"

a mãe. Fica em pé ao lado da mãe, olhando para o livro.

/ũ/ (aspirado)

/ã/ (aspirado)

/ũá:a/ (fricção nasal no i início e uma aspiração no final)

/ũ/ Toca o livro.

/ũ/ Toca com a mão na capa do livro fechando-o.

Observa a ação da mãe.

/ã/ (aspirado) Apontando para o livro.

/aũ/

/ũá/(fricção nasal)

"Manda beijo prá babá."

Leva o fone próximo aos lábios inclinando-se para a frente.

"Hum... que gostoso!"

Olha para o fone.

"Vamos desligar?"

/əyá/

"Chama a Aglael. Aglae...el.

Cadê o Mauro, Aglael?"

"Pergunta prá Aglael, cadê o Mauro?"

/yayá/

"Fala, cadê o Mauro?"

Olha para a câmera.

Olha para o fone que segura nas mãos à sua frente.

A mãe tira o fone da mão de C, coloca-o no gancho, pega a boneca e muda-se a ação para a brincadeira com a boneca.

Na passagem que acabamos de ver, a própria situação de falar ao telefone determina a repetição da fala da mãe. Entretanto, analisando as várias emissões de C, nota-se que, na verdade, mais que imitar a mãe, C realiza variações sobre suas próprias vocalizações.

Nesta fase, são mais frequentes as ocasiões em que as situações determinam uma repetição ou resposta a algo que foi dito. São exemplo disso a nomeação dos bichos quando a mãe e a criança começam a ver livros e a mãe pede para ela dizer qual é. Quando C não fala, a mãe vai dando os nomes e falando sobre as figuras.

"Ciça, vamos mostrar a borbole_{ta} prá Aglael e prá Maria. Vem cá. Olha aqui o livrinho da Ce

Está com o patinho de pelúcia embaixo do braço e acompanha

"O...lha o cavali...nho!"

"Como é que o cavalinho faz?"

A mãe acompanha os estalidos de língua de C.

"É...! E o porquinho? Como é que o porquinho faz?"

Abre a boca imitando C.

"Assim? Assim é o leão."

Sorri.

"Assim é o leão."

"Cadê? Olha aqui outra borboleta. Viu?"

"É... Só que este livro não é colorido. Cadê o outro? Onde vocês deixaram?"

"É..."

"Ó a abelha. A abelha faz zz..."

"Sabia?"

"É..."

"Hum?"

"Olha quanto bicho, Ciça. Olha?"

/ñũ/(ñfricção nasal)

Faz estalidos de língua.

/aĩũakũ/ (ĩ fricção nasal)

Abre a boca.

/kə/

/kəkə/

(grito mais agudo) Final / ká/

/əká/

Coloca as mãos em cima do livro e sobe no colo da mãe, colocando o corpo por cima do livro.

/pa/

/áá/

/əpá/

Senta-se no colo da mãe.

"Olha quanto bicho, Ciça,
olha." Falando mais baixo.

C olha para a mãe que faz comentários sobre o livro com as ob
servadoras (campanha do livro na escola de Michel) e vai fo-
lheando o livro. C observa a mãe.

Aqui, fica mais evidente que, apesar da determinação da situa-
ção, a repetição dos nomes, as emissões ^{de} C giram em torno
de seus próprios sons e não da fala da mãe.

Depois de um certo tempo, C levanta-se do colo da mãe com o li-
vro aberto e dirige-se a Aglael que está sentada no canto do
quarto. Repete-se a mesma atividade de ver os bichos do livro
e falar os nomes.

As situações com menos determinação, onde C se movimenta e se
dirige às pessoas ainda existem nesta fase. Isso ocorreu antes
e depois da situação com o livro. Ela se dirige aos objetos e
às pessoas e estas fazem comentários sobre as suas ações ou fa-
zem-lhe pedidos. C se envolve no jogo de realizar o que é pedi-
do, num vaivém entre as coisas e as pessoas presentes na grava-
ção.

Após deixar o livro de lado, C levanta-se, dirige-se ao cesto
da roupa e dá ^{início} a uma situação em que se pode observar o
tipo de atividade sobre o qual acabamos de falar.

Pega a tampa do cesto.

"Isso fecha."

"Tem roupa suja aí. Fecha."

Fecha o cesto.

"Assim. Arruma direitinho o
teu quarto, arruma. Isso!

As fraldinhas no lugar."

Olha para a mãe.

"É. Põe no lugar as fraldinhas da Cecília, põe. Não é para abrir Ciça. É pra pôr no lugar. Arruma direitinho pra ficar bonito. Ô curiosa!" Tira a fralda da mão da C.

"Agora nada pára no lugar, né?
O Michel aprendeu a acender e a apagar a luz e esta está alcançando tudo. Então tá uma beleza."

Maria: "Pra mim Cecília?"

"Tá, obrigado."

Mãe: "Cheira a fralda. Vê como ela cheira gostoso. Cheira.

Hum..."

"Viu? É. Põe no lugar Cecília."

Pega a fralda e a dá a C.

"Tó, mostra prá Aglael que cê sabe pôr no lugar."

"I...sso..."

Aglael: "Nossa! Que bonito!"

Mãe: "E a outra também. Pega a outra fralda e põe no lugar tam

/kũũ/

Vai até o trocador. Pega uma fralda e dirige-se à mãe com a fralda na mão.

/tʃii/-Estendendo a mão com a fralda na direção da mãe. Pára a abre a fralda.

Vai até o trocador e pega outra fralda. Vai até a mãe.

Pega a outra fralda da mão da mãe. Dirige-se à câmera e estende a fralda.

/ũũ/(fricção nasal)

Cheira a fralda.

Joga a fralda no chão.

Pega a fralda da mão da mãe e a leva até o trocador.

Tenta colocar a fralda no trocador, mas não consegue.

Olhando para a câmera.

Vem pegar a outra fralda no

bém.

Mãe: "Mostra prá Maria. Maria a Ciça sabe pôr no lugar."

"Olha que bonito."

"Isso! Dez a zero..." Sorrindo.

A mãe levanta-se e vai até a C. "Mamãe ajuda."

"Ó assim." Coloca uma fralda em cima do trocador.

"Assim." Coloca a outra fralda.

Da ação com a fralda passa-se para uma atividade com um tubo de pomada: passá-la em si própria, Aglael ou a mãe. Quando lhe dizem que não dá para abrir a pomada outra vez, C muda a atividade.

Aglael: "O auau! Que lindo, né?"

"Fala prá sua mãe fazê ele funcionar."

A mãe pega o cachorro. "É a pilha. Não vence comprar pilha."

A mãe continua o comentário sobre as pilhas com a Aglael.

chão. Dirige-se à mãe.

Volta-se para o trocador e para colocar as fraldas.

Uma das fraldas cai.

Abaixa-se para pegar a fralda que caiu.

Vai até a estante, pega o cachorro de pelúcia.

/awawaw/ Dirige-se à Aglael com o cachorro na mão e o o braço estendido.

/a/

/bawá/ Leva o cachorro para a mãe.

Vai pegar outro cachorro na estante.

/bawá/ Olha para o cachorro na sua mão.

/wáwá/ Traz o cachorro nas mãos e fica mais perto da mãe.

/wawá:wawowo/ Fica de frente
te para a mãe.

/wowowo/ Deixa o cachorro
namão da mãe. Pega o outro
no colo da mãe e traz na dire
ção da câmera.

/tawowowowowowo/

Maria: "Au au au au" Sorri.

/ũ/ (fricção)

Volta para perto da mãe.

"Tó Ciça. Ó o seu auau." Dá
o cachorro para C.

Pega o cachorro e leva-o
para a Aglael.

Aglael: "Eh!" Pega o cachorro.

"Au au au au au." Aproximando
o cachorro de C.

/a/ (grito) Se afasta.

"Au au au au au." Deixa o cach
orro próximo a C.

Sorri e se afasta.

"Faz prá mamãe: au au au au
au"

Olha para a Aglael.

/tá/

"Cuidado que o cachorro que-
bra."

Pega o cachorro pela orelha
e o leva para a Aglael.

Pega o cachorro e repete: "Au
au au au au."

Afasta-se rindo.

Vai atrás da mãe que saiu
do quarto para ir procurar
as pilhas.

Novamente, constatamos que C realiza vocalizações independente
mente de alguém estar atenta a ela. A mãe conversava com
uma das observadoras e C prosseguiu na sua ação motora e vo-
cal com o cachorro. Fica claro que C faz variações sobre
suas próprias emissões anteriores.

CAPÍTULO 3: PRIMEIRAS PALAVRAS

Na última fase, embora permaneçam vocalizações semelhantes às da anterior, surgem mais consistentemente as palavras. C faz perguntas e responde às que lhe são feitas, estabelecendo conversações com as pessoas que se encontram à sua volta.

Durante esta fase, há muitas situações de ver figuras em livros ou fotos em álbuns. São situações estruturadas numa relação de pares com perguntas e respostas específicas. A conversa e ação desenvolvidas nestes momentos é muito repetitiva: perguntar o nome dos bichos, o que o bicho gosta, como que o bicho faz, quem é este e o que está fazendo. O estabelecimento dos pares nessas situações é feito com a mãe, com as observadoras ou com outras pessoas que estejam presentes.

Veremos a seguir dois episódios que retratam esse tipo de atividade. Um com a mãe e um com uma das observadoras. No primeiro, C está sentada no sofá ao lado da mãe.

Com o livro no colo a mãe
vira as páginas do livro.

"(SI),né? Olha aqui."

/i/ (aspirado)

"É. É o ursinho e (SI) mas
ele não come."

/ey/

"Né. Olha aqui." Apontando
a figura no livro.

"Morangui...nho! Olha o mo
rango que a Ciça gosta de
comer. É o morango.Ó o ca-
racol. Viu? Olha quanta abe
lha! Como a abelha faz?

Bzz...." Faz movimentos com
os dedos e a mão, imitando
a abelha até encostar a mão

no rosto da C.

Sorri.

"Né? Vai morder o nariz de le." Aponta a figura no livro.

/ɛ' uawaw/ Aponta a figura no livro.

"É? Que mais tem aí? Olha que bonitinho o esquilo! Ele come. Como é que ele come? Nham, nham, nham, nham."

Imita o esquilo comer.

Abre e fecha a boca sem produzir som.

A observadora faz comentários sobre a câmera com a mãe que olha e responde. Enquanto isso, C continua.

/ayae/ Olha para o lado, desencosta-se do braço da mãe e aproxima-se da figura do livro.

/ə/ (golpe de glote no final)

/ũə/ (golpe de glote)

/a:e|ə/

/a:y:i/ (produção agudizada com um golpe de glote no final)

Olha para a mãe.

/ə/ (golpe de glote)

Olha para a câmera.

/ay:/(agudo)

/ə/(golpe de glote)

/a:aã|aẽa:nã:/

As vocalizações de C neste trecho variam de um "quase choro" a "não choro" até que a mãe volta a dar-lhe atenção.

"Olha! Quem é esse? Deixa

Olha para o livro.

eu vê quem é. A cegonha! A
cegonha que come o sapo. A
cegonha vai comer o sapo,
Ciça!"

/bənənya/

"É...! Vai comer o sapo! O
lha quanto coelhinho, Ciça!
A coelha mamãe. E o coelhi
nho filhinho.

/ʔmnənənyə/ Aponta a figura.

"É o coelho mamãe. É a coe-
lha. É a mamãe. Olha quanto
filhinho!" Apontando as fi-
guras.

/məmə/

"Viu?"

Olha para o lado. Volta a o-
lhar para o livro.

"O filhinho da mamãe."

/əḵəə/

"O filhinho da mamãe coelha."

Aponta a figura.

"É...! Olha aqui o passari-
nho." Aponta a figura.

"Piu. piu, piu, piu. Viu, o
passarinho?"

C passa para o colo da mãe e com o livro na frente das duas
continuam a ver as figuras.

Com uma colher na mão sobre a
página do livro.

"Comidinha na boca dele."

"Nham, nham, nham,nham."

"Como ele come?"

Movimenta a língua para a frente.

/akæ/ Estende a mão para vi-
rar a página do livro.

Vira a página.

"Olha a abelha, Ciga! Como
que a abelha faz?"

Passa a colher sobre a página
do livro.

"Bzz..." Faz o movimento da
abelha com os dedos e toca o
rosto de C.

Sorri.

"Olha, bebendo água."

/akə/

"Água. Tá com sede. Olha a ou
tra abelha!"

/ieyá/

"É..."

"Como que a abelha faz?"

Coloca a colher na parte mais
alta da página. A colher escor
rega e C observa.

"Como que a abelha faz?"

"Bzz..." Faz o movimento da
abelha com os dedos e toca o
rosto de C.

Encolhe os ombros e sorri.

"viu? Dá comidinha pra ele,
dá? Ele tá com fome." Segura
a colher na mão de C.

"Dá comidinha. Na boca dele
assim. Ó..." Faz estalidos
com a língua e segura a mão
de C com a colher.

Pega a colher da mão da mãe.

"Ai."

/eáy/ (+ alto) Estende o braço
para virar a página.

Vira a página.

Balança os braços.

Olha! Foi dormir..."

"Deitou no chão!"

Abaixa a cabeça tentando dei-
tar o rosto sobre a página do
livro.

Levanta um pouco o livro.

"Ai... Foi dormir. Fala pra
ele: boa noite. Fala: tchau
veadinho. Vai dormir. Né?
Cabô..." fecha o livro.

"Vamos ver esse aqui?" Pega outro livro no sofá.	/yeyeye/
Abre o livro.	/yeyé:/
"Cadê? Olha aqui!"	
	/amã̃y/
"A mamãe urso. Quem é esse aqui?" Apontando a figura.	/ũ/
"Quem é?"	
	/mamã̃y/ Mexendo com a colher na boca.
"Esse é o papai."	
	/payé/ Olha para a frente.
"O pai urso. E quem é esse aqui? O nené ursinho."	
	/nené/
"Como ele vai tomar o lei- tinho?"	
	/papã/ Aproximando os lábios esticados leva a mão aberta à frente da boca.
"Como ele vai tomar..."	
"Assim... vai mamar todo o leitinho. Viu?"	
Vira a página do livro. "Ó o sapo aqui. Ó o outro sapo a qui. E o caracol. Viu?"	Leva a colher à boca seguran- do-a com as duas mãos.
	Afasta a colher da boca e o- lha-a. Olha para o livro.
"Ó o peixe na água."	
	/aká/
"Na água. O peixe tá nadan- do. Olha o rato."	
	/akó/
"É o rato. Ó outro veadinho."	Leva a colher à boca.
	/ááá/
"É... A coruja. Coruja feia."	

Olha aqui." Aponta a figura.

/nené/ Bate com a colher no
livro.

"A coruja é feia. Né, Ciça?
Olha que bonitinha a casa de
le."

/é/

"É o gatinho que tá dormindo."

Passa a colher na página do
livro.

"Como que o gatinho faz?"

Leva o indicador direito pró-
ximo aos lábios em sinal de
silêncio.

"Sss... Tá dormindo! Tá dor-
mind o gatinho."

Toca uma buzina de carro na rua, C olha para o lado e volta
a olhar para o livro.

/pəpay/ (baixo)

"Papai. Não é o papai."

/payé/

⑧ "Não é."

"A raposa aqui. Viu?"

Deixa cair a colher na página
do livro.

"Cadê a outra historinha
aqui?" Volta as páginas do
livro.

"A casinha do Dentinho. Viu?
Ó o esquilo lá em cima da ár-
vore, Ciça. O esquilinho.
Viu?"

Olha para a porta da cozinha.

/âwka/

"Água? Aqui não tem água."
Vira as páginas do livro.
"Onde tem água? Aqui olha

quanta água. Ó o peixe nadan
do na água. Né? pronto. Cabô?"

/tá/

"Cabô. Vamos guardar?"

/yáũ/

"Não. Qué que a Ciça qué vê
mais?"

/mési/

"Mais?" "Qué que a Ciça qué?
Estorinha?"

Mexe nas páginas do livro.

/yayá/

"Cadê o menino?"

/mninó/

"Menino! Chama aqui o menino."

Aponta a figura.

/manínó/

"Qué bolinho?"

/ãýó/ (baixo)

"Num qué bolinho?"

/ãýó/

"Não? Qué leitinho?"

/ayɛ:yão/

"Também não? Qué coxinha?"

Abre e fecha a boca olhando

Qué acabá coxinha? Qué bolo?"

para o livro e passando a co-
lher sobre a página.

/paũ/

"Qué bolo?"

/táũ/ Balança a colher na mão
esquerda.

"Também não?"

"Qué pão? Qué pão Ciça?"

Com a colher na boca movimen-
ta-se para o lado para sair do
colo.

"Hum..."

Fecha o livro ficando com
os dois livros no colo.

"Fala então, eu quero comer
pão."

Olhando para a capa do livro.

/mamãý/

"Mamãe? esse é o menino."

/mãĩmó/

"Não é mamãe. Esse é o me
nino. E esse é o veadinho."

Tira um livro de cima do ou
tro para mostrar a C.

/amãĩno/

"É..."

/a/ Mexendo a colher na boca.

"Viu? Vamo papá?"

/ay/ (grito)

"Vamo?"

/í:ãw/ Vai com a mão ao livro
para abri-lo.

"Não. Não." Sorri.

"Vamos ler estórinha?"

Leva a colher à boca.

Volta a abrir o livro.

"Cadê o ursinho? Cadê a casa
do ursinho?" Vira as páginas
do livro.

"Olha aqui a casa do ursinho.
Olha aqui a mamãe ursinho fa
zendo leitinho. E o ursinho
aqui escondido atrás do papai!"

/payé/

"Papai tá falando: tem que ma
mar tudinho! Tem que mamar
leitinho! Tem que comer!"

Abre e fecha a boca com os lá
bios esticados sem produzir
som.

"Ó o menino aqui olhando."

/mãniá/

"É... O menino também quer
leitinho."

Sai do colo da mãe.

"Viu?"

/ay/

"Qué tomá leitinho? Qué?" Desce do sofá.

Vamo tomá leitinho. Vamo?

Então tá bom." Guarda os li
vros.

"Vamo tomá leitinho?"

Este episódio, ilustra com clareza a repetição que ocorre na fala e as variações que a criança produz. Ao longo da situação, ela retoma suas próprias vocalizações modificando-as, em bora, em alguns momentos, incorpore alguns sons emitidos pela mãe. Na primeira parte do episódio aparecem sons com qualidade de mais vocálica /aye/, /ay/, /ayí/. Há uma breve passagem por emissões que contêm os fonemas /m/ e /n/ como /mnnenen ya/ e disso passamos a /akæã/, /akæe/, /akæ/ que incorporam o /k/. Na sequência são retomados os mesmos sons: vocálicos /yeyeye/, /m/ e /n/ em /mamãy/, /amãy/ e /nené/ surgindo também o /p/ em /payé/. Já no final do episódio parece ocorrer uma síntese da sequência com as seguintes vocalizações de C: /payé/, /ayka/, /yãũ/, /mési/, /yeyá/, /mninó/, /mæninó/, /ayó/, /ayé:yão/, /paũ/.

Passando um pouco adiante, no segundo episódio selecionado, verifica-se que existem modificações na fala de C. Ela produz sons diferentes, porém, o modo como se processa tal produção é idêntico ao que acabamos de considerar — pela ação sobre seus próprios recursos fonéticos e articulatórios.

C está sentada no colo de Maria vendo um álbum de fotos do aniversário de C.

Maria: "Quem tem mais aí? A
palhacinha."

/asi_ha/

"A palhacinha. Quem mais?"

"A palhacinha."

/asi^ɲa/

Olha para a câmera.

Aglael: "Oi Ciça."

Maria: "Esses menininhos to
dos aqui são os "smurfes".

Olha para a câmera.

"Cadê os "smurfes"? Mostra
prá Aglael os "smurfes". On
de que tá os "smurfes"?"

/aw/

"Os "smurfes" tão aqui." A
ponta a foto.

"Mostra... e esse aqui? Fa
la de novo. Quem é?" Apon-
ta a foto.

/ay^ɛw/

Olha para Maria.

"Oi?"

"Quem é esse?"

/ay^ɛw/

"Aiéu, é essa. E esse aqui?"

/ési/

Mãe: "É o Mauro."

/ɛ^ɛwaw/

Maria: "É o Mauro?"

/ɛ^ɛwaw/

"Mostra o vovô prá Aglael."

Movimenta os lábios com a bo-
ca aberta sem produzir som.

"Hein?"

"Vamos ver outro?" Vira a pá
gina.

"Ah... Olha outra, que linda!

/ike/

"A Ciça aqui. E esse daqui ó?"

/iki/

⑥ "O Henrique é esse, né?"

/kiki/

⑦ "O Henrique... E a..."

Mãe: "Posso pôr a data?"

Maria: "Pode."

A mãe coloca em cena um papel com a data da gravação.

/ya/ Olha para a câmera.

Aglael: "Tá bom. Né, Ciça?"

Maria: "E essa daqui? Quem é essa daqui? Olha. Essa daqui."

Apon~~t~~a a foto.

/atʃí|mamãy/

"A Ciça e a mamãe. E essa aqui? É a Ciça e o..."

/papáy/

"E o papai. E aqui? É a Ciça ea..."

/kiki/

"Titia."

Olha na direção da mãe.

ⓑ "Ó o Henrique aqui. Vamo ver a outra?" Vira a página.

"Cabô aqui... Quem tá fazendo tchau aqui?"

/tʃáw/

"Quem que tá fazendo tchau?"

/tʃáw/

"É tchau..."

"Cadê o lacinho da Ciça?"

/itʃitʃi/ Vira a página do ál
bum.

"E essa?"

/mamãy/

"Mamãe."

/iawaw/

"E esse menininho aqui? Olha esse menino aqui, que tá fa
zendo tchau. Aqui ó." Apon-
ta a foto.

Mexe nas outras páginas do ál
bum. Olha para o lugar aponta
do por Maria.

/tʃawtʃaw/

"Tchau, tchau? É o Mimi."

Mãe: "Fala prá Maria assim: beijinho, beijinho, tchau tchau."

Maria: "Que é que cê tá fazendo aqui, ó?" Aponta a foto.

"Que é que cê tá fazendo aqui?"

Mãe: "Fala, cantando parabéns pro Mauro."

"Como cê cantou parabéns pro Mauro? Mostra prá Maria."

A mãe começa a cantar parabéns e Maria acompanha.

Maria: "Aqui ó. A Ciça tá batendo palmas. Sopra a vela, sopra. Como que a Ciça soprou a vela?"

"Qual outra?"

"O Henrique? E essa menininha aqui ó."

"A Ciça." Sorri.

Mãe: "É a Ciça? Deixa a chu-

Continua a mexer nas folhas do álbum. Olha para a mãe.

Olha para Maria rapidamente.

Volta a mexer nas folhas do álbum. /ayâw/

Olha para o lugar apontado.

Bate com a mão na página do álbum como se batesse palmas.

/a/ (aspirado)

Olha para a mãe.

Estende a mão para virar a página. /aki/

Balança o braço direito no ar.

Olha para a mãe.

Vira a página do álbum.

/piçupia/

/iki/

Olhando para Maria, levanta o braço direito levando a mão à chuquinha do cabelo.

Aponta foto no álbum.

quinha."

/t_ɕía/

Maria: "É tem um lacinho aqui também. Igual a esse. Quer di zer, não é bem igual não, mas ..."

/ɕíɕía/ Aponta foto.

"A Cecília tá dando a mão pro Henrique? Ó, e essa menininha aqui?"

/ɔ́yaɔ́ya/ Aponta foto.

"Olha, olha, a Ciça de novo."

/páũ/ Começa a bater palmas e sorri.

Começa a cantar parabéns acompanhando as palmas de C.

Pára e olha a foto.

"A Ciça táva fazendo aniversá rio?"

/táwa/ Olha para Maria.

"Táva. Né?"

/ayawa/ Aponta outra foto.

"Oi?"

/yá/ Leva a mão à chuquinha e começa a mexer nela.

"A Ciça também. Ah, tem laci-
nho também. Igual o seu."

Mexe na chuquinha.

Mãe: "Não, não."

Maria: "Num vamo tirar esse não." Tira a mão de C da chuquinha.
"Olha que linda a Ciça fica de lacinho."

/t_ɕíɕía/

/ãw/

"Num fica linda?"

Vira a página do álbum.

"Mostra pra mim quem que tá aqui."

Leva a mão à chuquinha olhando

Sorri.

para Maria.

/t_ɕía/

"Eu já vi a sua chuquinha.

Tá linda a sua chuquinha."

Tira a mão de C da chuquinha.

"Aqui cê tá chorando?" Aponta foto.

Vira-se para Maria e faz careta franzindo o nariz.

/õ/

"Ô... Tá chorando." Sorri.

Mãe: "A Ciça fez careta? Fez?"

/ikiki/ Aponta foto.

Maria: "É... Oi? Vira lá."

Mãe: "O Henrique no gira gira?"

Maria: "Cê tava no parquinho?"

/íaçía/ Balança o corpo para a frente e para trás.

Mãe e Maria: "Gira gira."

Mãe: "E a balança? Cadê a balança?" // Maria: Aqui táva no

gira gira? Cadê o gira gira?

Mãe: Canta "Balança, balanço."

/bát_ɕa|bat_ɕá|yat_ɕá/ Cantando e balançando o corpo.

Maria: "Cadê o gira gira? Olha o gira gira aqui ó."

/t_ɕit_ɕi/

Mãe: "Gira gira."

Maria: "Quem táva aqui no gira gira?"

/t_ɕiat_ɕia/ Balança o corpo.

Maria: "Gira gira. Quem tá..."

// Mãe: "Chama a Raíssa."

/ɕía/

Mãe: "Raí...ssa!"

/iha/ (aspiração no meio)

Maria: "Onde que tá a Raíssa?

Mostra pra mim, mostra."

Sorri. "A tua chuquinha..."

Leva a mão à chuquinha.

Com o braço estendido tenta virar a página.

"Aí! A raíssa. E esse outro aqui? Ó Cecília, esse aqui."

Tenta virar a página.

/akĩ/

"Ah, tá bom. Então vira .Vira."

Vira a página.

"Quem é esse aqui,ó?" Aponta foto.

/pápu/

"A babú?"

/akáka/

"Num tem mais aqui."

/kaí/

"Volta."

Vira as páginas.

/heũ/ (aspiração inicial)

/óya/ Coloca as duas mãos sobre o álbum.

"Olha a Cecília engatinhando!

"E essa aqui?"

/pápu/

"Babu. E essa menininha aqui, junto com a babú?"

/tɕía/

"É a Raíssa...e a..."

/a/

"Ci...ça."

Olha para Maria.

"Né?"

/ɕíɕa/

"E aqui ó. Essa menininha. Olha. A Raíssa. E esse aqui ó?"

/a/ (golpe de glote)

/ũkia/

"O Henrique, aqui ó."

Mãe: "Conta prá Maria que o Henrique tem um irmãozinho. Começa a mudar de posição no colo de Maria.
Conta prá Maria que tem um nenezinho, o Henrique, conta. /ũlía / Olha para a mãe.

A seguir C já sentada no colo de Maria, de frente para ela, inicia uma cantiga "Serra, serra..." e balança o corpo, mas logo volta à atividade do álbum que terminam de ver e, quando acabam C vai buscar outro.

Este longo episódio, assim como o anterior, torna evidente que C constrói o seu repertório de sons fazendo diferentes articulações, na tentativa de aproximar a sua produção daquela com que tem contato. Aqui, o seu jogo girou em torno de seu próprio nome confundindo-se, às vezes, com "gira gira" e com o nome do primo, Henrique. Suas variações foram: /ʒíʒia/, /ʒíʒa/, /tʃía/, /tʃíatʃía/ e /kiki/, /ike/, /iki/, /ikiki/.

Se no início de seu desenvolvimento C realizava sons mais posteriores exercitando seu trato vocal, agora, o processo não difere. Ela continua seu exercício. Porém, neste ponto, detentora de novas habilidades conquistadas dessa forma, em diversas áreas do desenvolvimento no seu trajeto até aqui, C tem condições de lidar com sua fala de modo que os adultos identifiquem nela algum significado.

Nos trechos de diferentes gravações que consideramos abaixo, temos a oportunidade de observar com nitidez esse jogo de repetições que C desenvolve sobre suas vocalizações.

Numa situação de troca, C está sentada no trocador enquanto a mãe lhe tira a roupa.

"Assim, vamos ficar peladi-
nha. Fala, eu táva dormindo."
Levanta C.

Encosta-se no peito da mãe.

"Por isso que eu tô assim mo-
linha. Com uma preguiça...
Uma preguiça..."

Encosta a cabeça no ombro da
mãe. Desencosta-se do ombro
e levanta a cabeça.

/ay/

"É."

/áwbwa/ Com a chupeta na boca.

"Fala que o Papai Noel vai te
trazer uma boneca. Fala."

/nɛ́ka/

"Vai trazer uma boneca."

/anɔ́nɛ́ka/

"É. Fala pro Papai Noel. Cha-
ma o Papai Noel."

/paynãɛ́/

"Chama mais alto. Chama lá."
Aponta a janela.

"Olha lá. Chama o Papai Noel.
Chama lá."

Olha para a janela.

/papáynãɛ́/

Olha para a câmera e sorri.

"Vem cá."

/kẽ́yká/

"Traz minha boneca."

/táyɣ/

"Minha boneca."

/mya kɛ́ka/

Sorri.

Aqui, C repete à sua maneira a fala da mãe. Entretanto, mais
adiante, depois do banho, C inicia seu jogo próprio enquanto
a mãe a veste.

Deitada no trocador.

A mãe coloca-lhe a fralda.

/malĩá:|kẽytá|maĩbãw/

Aglael: "Ela falou Maria?"

Mãe: "Falou."

/maliá:/

Aglael: "A Maria num chegou.
Chama ela. Quem sabe ela
chega!"

/malí:a|ómalía/

A mãe e a Aglael sorriem.

/ipɔpɔ/

Aglael: "Fala, vem logo Maria.
Vem."

/lía|maĩa|vẽymaía/

Mãe: "Vem Maria."

/apáyá|dɔ́ápaía|dápaya/

"Bala?"

/dá/

"Bala não tem."

/dápáyatay/

"Dá bala? Mas, tem que papá
primeiro."

Olha para a câmera. Faz uma
articulação sem som.

/maõ:/

Aglael: "Oi Ciça."

/mao:õ:õ:/

Mãe: "Mauro?" // Aglael: "O Mau
ro num tá aqui não."

Este jogo é deixado de lado enquanto a mãe penteia C. Esta,
porém, retoma o jogo durante a refeição quando a mãe vai até
a cozinha buscar o danone.

Mãe: "Qué banana?"

/pat_ɕayá/

/kékékétátátatata/ Vai dimi
nuindo a intensidade da voz.

"Come o sucrilhos Ciça."

/tél^u/

"Conta prá Aglael que cê co
meu sucrilhos ontem à noite."

/kayé^w/

Aglael: "Oi Cecília."

/kaké^{wi}_ɕu/

"Cê comeu sucrilhos ontem à
noite?"

/kumí^w/

"Comeu?"

/komé^w|komé^w|kɔmé^w|kɔmé^w|kɔmé^w/

"Ah! E táva gostoso?"

/komé^w|komé^w|kamé^w|komé^w|kamé^w|
kamé^w|kamé^w/

"Comeu, comeu, comeu, é?"

C se entretém com suas vocalizações estabelecendo em determi
nados momentos elos com a fala que a cerca. Isto é o que des
crevemos ao longo deste trabalho. É significativa, para ilus
trar esses fatos mais uma gravação em que C está com 22m;8d.
Há várias pessoas na casa e C vai atuando com cada uma delas
em diferentes momentos e, em outros, desenvolve sua ação só-
zinha.

Num primeiro momento, C vê fotos com o Mauro.

"Vamos ver aqui."

/vamu/

"Então vem cá. Quem é esse a

qui?"

/emi/

"Quem que é?"

/émitéw/

"Quem?"

/ɣiɣía/

"Essa aqui. Quem que é?"

/ɣía/

"E aqui?"

/mamãy/

"Mamãe? Olha e aqui. Quem
são esses dois aqui?"

/meɣéw/

Continuam vendo fotos, a mãe se aproxima e Mauro vai conversar com o pai de C que acaba de chegar. C que está ainda vendo o álbum com a mãe, ouve a voz do pai e vai até a cozinha. Volta para a sala, fica perto do sofá, olha para a porta da cozinha e começa a chamar o pai.

/patɣá|ayá|upápáy|payé/

Pai: Responde da cozinha.

"Paié, paié, paié." Continua
conversando.

/utɣépápáy|páy|payé|páy/ Fazendo alto.

"Fala meu anjo?"

/amimiki/ Volta para perto do álbum.

O pai aparece na porta e conversa com Aglael e Ludmila.

/oyɣiɣíapay/ Aponta a foto. Olhando para o álbum fala só e em voz baixa.

/papáy|mamãy|mitéw|ɣiɣía/
Dirige-se ao outro sofá e vai mexer na maleta da câmara.

Pai: "Cecília! Qué quecê tá

aprontando aí baixinha?"

Olha para o pai.

/tátá/

"Cadê o Mimi Ciga?"

/məméw/

"Dormiu?"

/məmíw/

"Ainda tá dormindo?"

/tá/

"Mas porquê?"

Volta para perto do álbum.

/upáy i íaki/

"É? Tá vendo a Cecília aí?"

/tá/

"Hum... E você dormiu bem?"

/améw/

O pai sai da sala e C passa a desenvolver sózinha uma atividade de dar comida à boneca. A mãe vem para perto dela, há várias entradas e saídas do pai na sala e C passa da ação com a boneca ao desenho com a mãe e com o Mauro. Tudo isto se desenrola até que Michel acorda e aparece na escada. O pai que está com C no colo a coloca no chão e diz para ela chamar o Mi.

Sobe um degrau da escada.

Michel dá um grito.

/mĩʒéw| kʷdamĩʒa/ Volta-se para o lado e imita o grito de Michel.

/mitʒéw/

Michel grita.

Aglael: "Ai meu Deus do céu!"

/kʷdamĩʒéw/

/kʷdamĩʒéw/

Mãe: "Fala, desce aqui."

/itʒikimitʒéw/ Olhando para cima.

/mitʒéwao:a|mitʒéwa|mitʒéwa|mitʒéwa|mitʒéwa/

Como já dissemos, nesta situação fica evidente que a criança traça os seus caminhos no ambiente em que vive. Pudemos ver *que* durante as gravações, as situações são muito repetitivas: banho, troca, alimentação e brincadeiras que também se repetem. Isto acontece até a última gravação e C, que gosta de repetir suas brincadeiras e tem em sua fala um de seus brinquedos favoritos, é flagrada produzindo mais uma de suas inúmeras sequências de variações sobre as suas palavras. Ela encerra sua participação com: /batatélu/bataté:lo/batatélu/batatélu/batáta/ba/ta/ta/batatá/batáta/ yakibatáta/ referindo-se ao vendedor de batatas que parou à porta anunciando seus produtos.

CONCLUSÃO

É notável a gama de aquisições da criança nos seus dois primeiros anos de vida. Ela parte de uma estrutura biológica e, situada num determinado meio, desenvolve inicialmente sobre ela uma atividade reflexa. Pela ação de repetição e exercício, juntamente com o relaxamento dos arcos reflexos iniciais, a criança incorpora aos seus automatismos elementos que os modificam. Estes últimos, já modificados, sofrem a incorporação de novos elementos e assim sucessivamente.

Como afirmamos, o desenvolvimento dos vários comportamentos, em geral, e da linguagem, em particular, se dá pela interação entre aspectos internos e externos. A criança desde o nascimento está em relação com o ambiente e nele provoca transformações. Ao mesmo tempo, a própria criança não está isenta da influência que o meio exerce sobre ela.

Seguindo a "trilha sonora" de C, vemos que as suas primeiras vocalizações estão intimamente relacionadas às funções neurovegetativas. São produzidas posteriormente e sem um controle da criança sobre seu trato vocal. A ação que ela desenvolve sobre as estruturas responsáveis pela produção sonora modifica-as, imprimindo-lhe novas características. As vocalizações começam a anteriorizar-se, passam a ter uma estruturação silábica e adquirem maior semelhança com a produção sonora do meio. Por fim, a criança atinge as primeiras palavras, propriamente ditas.

O interesse que a criança tem no meio desde cedo contribui para que ela integre, às suas explorações, aspectos selecionados do amplo leque de modelos que lhe é oferecido. Assim, ela passa do automatismo a uma atividade mais dirigida e controlada através da ação sobre as condutas propensas a amadurecer e não por simples maturação automática.

A destreza da criança com aspectos isolados da sua vocalização permite que ela os integre pouco a pouco para utilizá-los como significante, a fim de explorar significados de várias formas, que, por sua vez, só são possíveis devido aos outros desenvolvimentos da sensorimotricidade.

As mudanças da vocalização acompanham as modificações que ocorrem em outros aspectos do desenvolvimento. É evidente a diferença que surge em termos da qualidade acústica e articulação de C, quando ela começa a ficar mais tempo sentada. A criança, que desde o início demonstra um interesse e atenção pelos eventos do ambiente, com a nova postura, amplia seu raio de percepções. A partir do momento em que ela começa a andar, o campo de suas ações e percepções é ainda mais ampliado, permitindo uma gama muito mais variada de escolhas.

As dimensões fonéticas que permitem à criança ajustar e coordenar sua vocalização são desenvolvidas pelo jogo, através das próprias habilidades da criança. Ela desde cedo "brinca" de ouvir e se ouvir (Albano, 89).

A participação do adulto nesse processo é variável e depende do tipo de conduta em curso. O adulto fornece o ambiente propício ao desenvolvimento e pode ou não começar a ajudar a criança a explorar os seus próprios desenvolvimentos sensorio-motores em áreas mais transparentes como a manipulação, o andar, etc. A atividade vocal da criança muitas vezes é completamente opaca para o adulto, que só sabe interpretá-la estereotipicamente, através de sua linguagem e cultura. O adulto, enquanto não tem indícios suficientes de que a criança está apta a compreendê-lo ou a produzir algo que se aproxime de sua fala, faz recortes que, na maioria das vezes, não são compatíveis com a vocalização da criança. Isto se modifica

quando a produção da criança passa a ser mais inteligível para o adulto (Gama, 89). Esta mudança ocorre notadamente do primeiro para o segundo ano de vida, quando se observa uma grande diferença na vocalização da criança.

Não se descarta o fato de que o adulto, ao criar uma rotina repetitiva para cuidar da criança já garante a significação. É justamente a vivência dessas situações de repetição que permite à criança a efetiva maturação e a possibilidade de desenvolvimento. A partir disso, a dicotomia interno/externo perde o sentido, pois a atividade da criança, embora seja afetada pelo meio, não é determinada por ele.

Reafirmamos a idéia segundo a qual a criança traça seu próprio percurso, fazendo as suas opções e incorporando às suas condutas novos elementos que lhe são fornecidos pelo ambiente. Isso é o que ilustra a vasta descrição apresentada por nós neste trabalho, mostrando a emergência da fala na relação com a emergência de muitos outros aspectos da sua conduta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Albano, E.C. (1989) Da Fala À Linguagem Tocando de Ouvido (a ser publicado)
- Ambrose, J.A. (1961) "Development of the Smiling Response in Early Infancy" In B.M.Foss (ed.) Determinants of Infant Behavior. Methuen & Co. Ltd., London.
- Fantz, R.L. (1962) "The Origin of Form Perception" In J.F. Rosenblith & W.Allinsmith (eds.) The Causes Of Behavior: Readings in Child Development and Educational Psychology. Allyn and Bacon Inc., Boston.
- Gama, A.J.A. (1989) "Fala e Ação no Cuidado Materno ao Bebê" Dissertação de Mestrado em finalização. Universidade Estadual de Campinas.
- Irwin, O.C. (1943) "The Activities of Newborn Infants" In R.G. Barker et al (ed.) Child Behavior and Development. Mc Grow Hill, New York.
- Jersild, A.T. (1946) "Emotinal Development". In L Carmichael (ed.) Manual of Child Psychology. Wiley, New York.
- Lenneberg, E.H. (1967) Biological Foundations of Language. John Wiley & Sons, Inc., New York.
- Lieberman, P. (1975) On the Origins of Language. An Introduction to the Evolution of Human Speech. Mc Millan, Inc., New York.
- Lier, M.F.A. (1983) "A Constituição do Interlocutor Vocal". Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Mc Graw, M.B. (1946) "Maturation of Behavior". In L. Carmichael (ed.) Manual of Child Psychology. Wiley, New York.

Ochs, E. & B. Schieffelin (eds.) (1979) Developmental Pragmatics. Academic Press, New York.

Stark, R.E. (1979) "Prespeech Segmental Feature Development". In P. Fletcher & M. Garman (eds.) Language Acquisition: Studies in First Language Development. Cambridge University Press, Cambridge.

WOLF, P.H. (1969) "The Natural History of Crying and other Vocalizations in Early Infancy". In B.M. Foss (ed.) Determinants of Infant Behavior. Methuen and Co. Ltd., London.